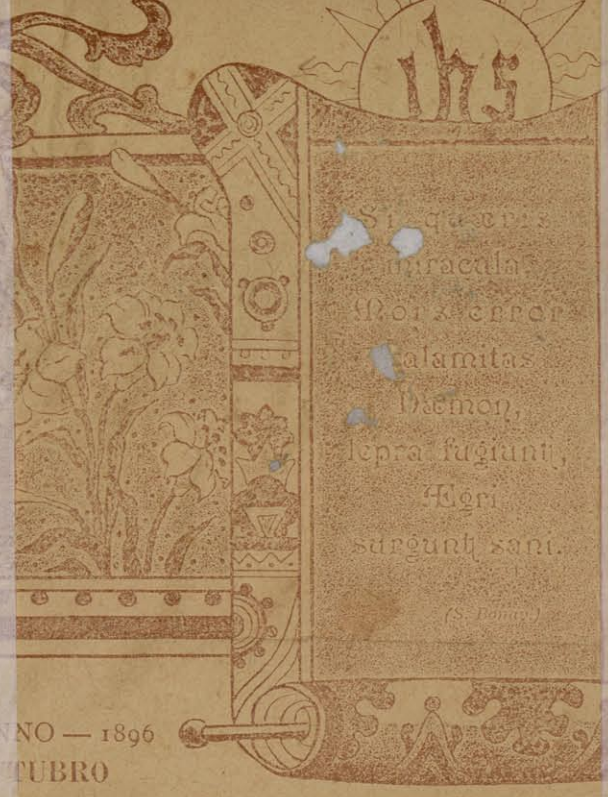


ANNO — 1896
OUTUBRO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO E DO PÃO DE S. ANTONIO E BOLETIM DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S., Ex.mo e Rev.mo Arcebispo Primaz e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos.

de Arthur José de Souza & Irmão

ROMANCE DAS TREVAS

A maçonaria em acção. — Vimos aqui, ha dias, uma rapariga dos seus 28 annos ir bater á porta de uma de nossas casas hospitaleiras de Chartres e pedir com as lagrimas nos olhos que a acolhessem e occultassem.

Esta rapariga vinha de S., villa da Bretanha, onde servia uma familia honesta. Um dia, uma pessoa estranha e bem trajada, que dizia viver em Paris, e então de passagem por S., se lhe acercou, interrogou-a, foi confidente de suas decepções ou talvez de suas leviandades. E andou tão arteiramente, que com seus perfidos conselhos e promessas fez que abandonasse a casa de seus amos e com ella se partisse para Paris, «onde devia levar uma vida tranquilla com muitas companheiras, sem nada fazer».

Tomaram o caminho da capital, indo de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e quasi que de casal em casal, ora a pé, ora em caminho de ferro. Comprehende se que o fim d'esta ruim mulher n'estas curtas viagens era de recrutar outras ingenuas. A fortuna, porém, foi-lhe adversa, e, quando chegou a Chartres, só levava a pobre bretoa.

Uma particularidade da viagem fez que a pobre creada começasse por desconfiar. Quando chegava a alguma cidade, a tal *senhora* ia logo direita á *mairie*, mostrava aos empregados uma placa metallica de um feitio especial, com inscripções e symbolos. N'algumas partes os empregados, quando se lhes apresentava a placa lhe dispensavam logo soccorros, n'outras olhavam-n'a sem a comprehender e nada davam. A creada começou então a desconfiar de que aquella mulher fazia parte d'alguma sociedade secreta e que explorava um vil mister.

Estas suspeitas tornaram-se-lhe em certeza quando chegaram a Chartres. «Avisinhamo-nos de Paris, lhe disse sua nova senhora; quando lá estivermos ireis á egreja com vossas companheiras *d'onde trareis* **hostias**.»

Esta declaração foi para a infeliz rapariga, como um veu caindo-lhe dos olhos.

Para ganhar algumas recrutas em Chartres e cumprir sósinha mais facilmente seu abominavel officio, aquella diabolica mulher teve a ideia de levar sua victima á cathedral fazendo-a sentar-deante do altar de N. Senhora do Pilar, onde devia esperar até que a fosse buscar. — De joelhos ante a Virgem, a triste chorava, inquieta e perturbada, quando de repente, uma ideia luminosa crusou seu espirito: fugir... — Levantou-se com precipitação, olhou em derredor de si, e sahiu a vaguear pela cidade em busca d'um asylo. E achou-o; estava salva. — Depois de dois dias de voluntaria reclusão, segura já de que não era espiada pela serventuaria da maçonaria, metteu se de noite no comboio em caminho da Bretanha, onde hoje proclama a misericordia de N. Senhora usada com ella.

— Este facto não é unico na historia da maçonaria, são aos milhares. Ainda não vai tambem muito longe que foi arrombada a porta da egreja de S. Jorge de Torres em Hespa[illegible] profanado. Levaram as sagradas Formas e sobre o vaso eucharistico imprimiram um symbolo maçonico. — Que horror!...

A raça de Judas Iscariotes. — Ainda se não [illegible] Tem sempre existido atravez de todos os seculos, [illegible] sempre e detestada pelos homens de bem, que presam o seu caracter [illegible] de é, que das Sagradas Escripturas se não colhe que [illegible] deixasse prole a quem lagasse seu [illegible] Quem lhe conhece a historia sabe perfeitamente que [illegible] forçado, com as entranhas derramadas pelo chão [illegible] sepultada nos infernos. Talvez alguem ao terminar [illegible] do fim tragico de Traidor exclamasse com [illegible] viado: *Ainda bem que não deixaste nenhum filho que te succedesse!*

Quem assim pensou enganou-se em seu bom [illegible] não deixou um só, deixou milhares, se bem que lhe não herdaram o sangue, herdaram-lhe o espirito, herdaram-lhe a traição, herdaram-lhe a avareza, herdaram-lhe os vicios e os crimes.

Os dignos descendentes do traidor do Divino Mestre Jesus, são aquelles que ainda hoje á imitação do seu progenitor, se não pejam de osentar na fronte um sem irmão par[illegible] fogo e varar com a ponta d'um punhal ou atravessa[illegible] com o fio d'uma bala; são elles os pedreiros livres, mal[illegible] bem conhecidos de todos com o aportuguezado nome de ma[illegible]

Esta raça damnada e maldita por todos os que ainda não [illegible] os dictames da razão, tem-se desenvolvido sempre no crescer dos annos e existirá com elles, e com elles ha de existir emquanto existir o mal porque elle é a personificação do mal.

A padre Hespanha que não soube a tempo precaver-se contra o monstro, se — hoje bem pesadamente os tristes resultados do seu desleixo, melhor diriamos da connivencia do seu governo.

As guerras e as revoltas dirigidas pelos proprios naturaes hespanhoes nações esphacelam a nobre nação que victima da ingratidão de seus filhos *traidores* a partiu.

Uma carta recebida pelo governo hespanhol nos diz o modo como a revolta das Philippinas estava planeado e quem a planeou.

Segundo ella todo o que entrava nas sociedades separatistas era obrigado a prestar juramento, sendo ameaçado com pena de morte se vendesse o segredo. *Os iniciados perjuravam á franc-maçonaria.*

Os separatistas estavam divididos em grupos desconhecendo os d'este os filiados d'aquelles e revelando-se [illegible] uma organisação meditada e complicadissima, em [illegible] achava previsto o caso da uma denuncia, afim de [illegible] o numero de individuos compromettidos, uma vez [illegible] os simples iniciados conheciam apenas os chefes imme[illegible] destes, aquelles, que, por seu turno, communicavam com os superiores e estes ultimos com os cabeças da rebellião. Estava fixo o dia em que a revolta devia rebentar, e como [illegible] proceder para se apoderarem da tropa hespanhola e [illegible] a se necessario fosse.

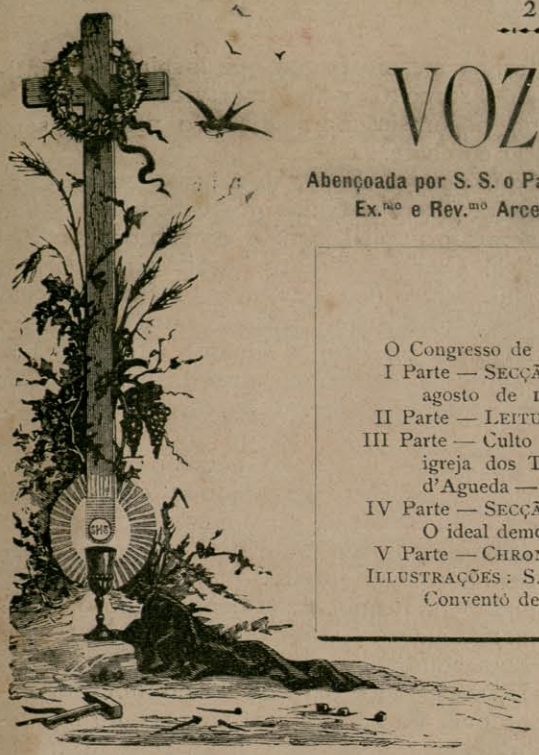
E chamam-se elles, os *maçons, patriotas!*

E para mais evidenciarmos o que vamos referindo no[illegible] que em Madrid foram presos o José Maria Pantoja, [illegible] do supremo tribunal e D. Eduardo Caballero de [illegible], como traidores á patria, contra a qual machinavam [illegible] das lojas do sul. Pantoja, diga-o filho do traidor Judas, dirigia o *Oriente Nacional* das Philippinas e alem de [illegible] do supremo tribunal era tambem director do *Diario de Sesões* do Senado. Eduardo Puga era o secretario do mesmo *Oriente Nacional*. Aquelle estava em intima communicação com varias lojas do Archipelago e a policia apprehendeu em seu domicilio documentos maçonicos, cartas e livros que se relacionavam com as lojas das Philippinas que dirigem a insurreição do Archipelago.

Que seita tão maldita! E' maldita de D[illegible] dos homens.

Como este, muitos. — Um [illegible] maltratado como muitos que alguem [illegible] segunda dar pasto á pasmaceira [illegible] facto segundo que diz [illegible] distante d'[illegible]

2.º Anno — N.º 22 — OUTUBRO 1896



VOZ DE S. ANTONIO

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S. Ex.no e Rev.mo Arcebispo Primaz, Arcebispo d'Evora e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos

SUMMARIO

O Congresso de Trento. — Homenagem a S. Francisco d'Assis.
I Parte — Secção doutrinal: O Imponente Congresso de Reims nos dias 17 a 21 de agosto de 1896. — Corôa Seraphica. — Anedoctas.
II Parte — Leituras amenas: A prece a S. Antonio.
III Parte — Culto de S. Antonio: Portugal — Membros da Pia União — S. Antonio na igreja dos Terceiros — S. Antonio no sanctuario de Porto d'Ave — Correspondencia d'Agueda — Juventude Antoniana — Brazil, etc. — Echo das Missões.
IV Parte — Secção scientifico-litteraria: A Politica debaixo do ponto de vista social: O ideal democratico. — Ao Seraphim d'Assis (poesia).
V Parte — Chronica universal: Illustrações do presente numero — Varia — Bibliographia.
Illustrações: S. Francisco prégando ás avesinhas. — Exterior da capella dos Templarios do Convento de Christo (Thomar). — Beato Theophilo de Corte.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

O CONGRESSO DE TRENTO

Quem ha que ao ouvir pronunciar o nome d'esta historica cidade, sentada como rainha majestosa á margem do azulado Adige, que lhe banha os pés e a fertiliza com a abundancia e frescura das suas aguas, circumdada pelas enormes cordilheiras dos Alpes, cujas montanhas disputam ás nuvens o dominio dos ares, se não recorde da valorosa fortaleza que ella foi para a defeza da fé, haverá quatro seculos?

Trento é uma d'aquellas cidades, que um acontecimento occorrido dentro de seus muros, nas ameias dos seus castellos, ou no horisonte das suas torres tornou celebres para sempre nos annaes da historia.

Hoje não é sómente um facto que eternisa a memoria de Trento: não é sómente o Concilio Ecumenico que ella congregou e abrigou dentro dos seus muros de granito, construidos por Theodosio, que lhe grangeia o titulo de berço da Fé Catholica. Não é sómente a imponencia dos seus templos, a dignidade do seu clero, o esplendor do culto religioso, os bons costumes e honestidade do seu povo, que a tornam respeitada e amada de suas irmãs, as cidades da Italia e da Germania, e invejada pelas maiores cidades do mundo.

O seu titulo glorioso de hospitaleira cidade Alpina não deriva sómente de n'ella se haverem acolhido os principes da Egreja de todo o mundo. Hoje nova aureola circumda a fronte da formosa *Tridentum*.

Em pleno seculo XIX, no auge do reinado maçonico, quando o mundo parece todo assentado sobre um vulcão, e que nas cidades ainda as mais bem policiadas, se não está salvo dos ataques revolucionarios, quando se trata de reunir em um ponto dado, um pequeno numero de forças catholicas, — em Trento pôde reunir-se um Congresso Universal, contra o poder que governa o mundo, sem policia para manter a ordem, sem soldado para o defender, sem agentes secretos para impedir os socialistas ou nihilistas de mandarem pelos ares a aula dos congressistas!

Nem um só policia, nem um só guarda, nem um só agente publico ou secreto se incommodou para tutelar os representantes do mundo inteiro, e milhares de italianos e austriacos congregados na egreja do Seminario de Trento. Não eram precisos.

Os que lá entravam eram pacificos. Os que ficavam á porta ou olhavam de longe não infundiam receio, como não inspiravam temor os leões e os tigres aos martyres do Christianismo, quando entravam cantando na arena dos amphiteatros de Roma ou de Carthago!

Todos aquelles que entravam na aula do Congresso tinham o espirito, senão a fortaleza dos antigos martyres; aliás não appareceriam lá. Os timidos ficaram longe, muito longe, cheios de medo, escondidos no seu canto, julgando vêr a cada momento a cidade de Trento, sepultar-se nas ruinas d'uma explosão de dynamite, como outr'ora Pompei na lava do Vesuvio.

E, na verdade, não havia que temer. Quem havia de ser o agressor? Os da seita das trevas? Oh! esses pertencem á familia dos noctivagos; para os atugentar basta accender uma luz. E o Congresso de Trento não era uma luz sómente, não era um sol, era uma constellação nova composta de muitos sóes concorridos alli do extremo

oriente e do occidente, do norte e do sul. Por isso consta que os morcegos, se algum havia em Trento, fugiram para muito longe, para além ainda dos Alpes, atravessaram as fronteiras do Trentino, e se foram reunir nas cavernas da Marca.

Seriam para temer os socialistas ou os anarchistas? Tambem não. Estes sabiam muito bem que lá dentro não havia riquezas, que não se iam criar novos titulos de nobreza, augmentar as horas do trabalho, aggravar a condição dos pequenos que soffrem, estudar planos para mais impostos. Antes estavam persuadidos, se n'algum d'estes pontos se tocasse por acaso, seria para levantar um brado energico em favor dos opprimidos. Por isso guardaram o seu dynamite, para a passagem das testas coroadas ou para occasião mais geitosa.

Os nossos guardas de todos congressistas foi a nossa confiança em Deus, primeiramente, sem cuja licença nem um só cabello cahe da cabeça de creatura alguma; foi a tranquillidade que inspira a consciencia do dever; foi tambem o bom senso, a cordialidade, a fé e os sentimentos profundamente religiosos e pacificos do povo trentino, que a maçonaria ainda não conseguiu corromper.

Fórte na fé de seus primeiros paes, n'essa fé que elles viram defender contra as hostes calvinistas e lutheranas, no magestoso templo de S. Maria Maior, o povo de Trento é impenetravel á doutrina de socinios como o granito avermelhado dos seus montes.

Todavia, objectivamente considerando, poder-se-ia temer, se o ser victima da maçonaria não fosse uma gloria.

O Congresso de Trento foi um desafio á maçonaria, foi uma ordem de capitulação. Atacal-a é o mesmo que não lhe ter medo, desmascaral-a é o mesmo que matal-a. E no Congresso não se tratou senão de dizer o que é a maçonaria, ou rasgar-lhe o véu branco que esconde o horror da sua face satanica.

A maçonaria devia temer pela sua vida, e era natural que se quizesse defender. Mas ella só é audaz com os cobardes, só é forte com o medo dos que a temem.

Iremos por isso, procural-a nos seus reductos, onde quer que se fôr esconder; destruiremos os seus ninhos nas rugas das cavernas que lhe servem de abrigo, exporemos aos raios do sol as suas obras, e ficará morta d'uma vez para sempre!

Tal foi o empenho tomado solemnemente por todos os congressistas de Trento, dispostos a sellal-o com o proprio sangue, se tanto fôr preciso.

Não houve jámais guerra pela defeza da fé, que não fosse purpureada pelo sangue de algum martyr!

Mais de um dos congressistas presentes n'aquella magestosa assembleia esteve a pontos de ser victima da maçonaria, e eram estes precisamente que já tinham experimentado a crueldade das suas garras, que mais destemidos se mostravam na lucta contra o poder das trevas auxiliado pela nefasta obra maçonica.

Estes, ao mesmo tempo que inspiravam sentimentos de respeito, como martyres venerandos, eram um poderosissimo instinctivo para os seus irmãos do combate.

Gloria, pois, a Deus, que protegeu os Congressistas de Trento! Gloria aos congressistas que não temeram o punhal, nem o veneno dos sicarios de Lusbel! Gloria a Trento hospitaleira e briosa cidade, que dentro dos seus muros offereceu asylo seguro aos soldados de Christo, á nova cruzada do seculo XIX, que se propõe libertar não já os Logares Santos da escravidão musulmana, mas toda a Europa, o mundo inteiro, da escravidão luciferina!

Os resultados do novo concilio de Trento, ver-se-hão expandidos pelo mundo com aquelle esplendor e efficacia que são inherentes aos grandes acontecimentos, que mudam o pensar e o operar de uma sociedade inteira.

Quem o não sabia, ficou conhecendo o que é a maçonaria, e todos aprenderam o modo facil e seguro de a combater.

A Deus pertence dar-nos a victoria, a nós incumbe o dever de pelejar sem treguas, de não temer sacrificios, de não nos pouparmos a trabalhos.

Oxalá que todos os catholicos coadjuvem a acção iniciada em Trento e não fiquem de braços cruzados, como estatuas boqueabertas, indignos do nome de homens, de fé e de soldados de Christo, cuja bandeira juraram defender.

O dever impõe-se a todos; que todos trabalhem sem respeitos humanos!

HOMENAGEM A S. FRANCISCO D'ASSIS

S. Francisco e a Natureza

PREDILECÇÃO ESPECIAL PELAS AVESINHAS DO CÉO

Quando este homem de Deus percorria as aldeias e as cidades, os campos e os montes, para a todos communicar a flamma que lhe ardia no peito, era a imagem de Jesus que reapparecia aos povos, não só com a gravidade da sua moral, mas até com os encantos da sua belleza.

Depois que ascendeu até Deus nas labaredas do seu amor, quando estreitou os homens com o amplexo divino da caridade, ficava-lhe ainda immenso campo na natureza para espraiar á farta os seus amores de poeta genuino. Cantava os esplendores do sol, bemdizia os clarões da lua, admirava a limpidez das aguas, agarrava-se com as arvores do bosque, e extasiava-se perante as florinhas do campo. D[illegible] se com [illegible] torturas dos irracionaes! dava as suas vestes a[illegible]co de arrancar da morte os cordeirinhos; tem [illegible] pisar os vis insectos que

rastejavam os caminhos, emquanto amansava a crueldade das féras que infestavam os montes. A todos os sêres da creação respeitava, e amava, e chamava irmãos; a todos conjurava a que louvassem ao seu Deus.

Não seria mais bello o quadro do Propheta rei quando, sentado junto das torrentes de Cedron, magnificava o Deus de seus paes ao som da harpa, e pedia aos «céos e a terra, aos reis e aos povos, aos animaes e ao homem», [1] que o acompanhassem nos seus canticos. Orpheu, cercado de passarinhos que o festejam na sua passagem, escutado á beira-mar pelos peixes maravilhados com seu canto, ou dentro dos bosques que immudecem na sua presença, não é mais pathetico. Tudo aqui é grandioso e sublime. As idealidades phantasticas do paganismo escondem-se perante a «grandeza simples e a sinplicidade grande [2]» d'uma realidade maravilhosa.

Mas é em face das avesinhas do céo que avulta a sublimidade de S. Francisco. A nossa gravura representa-o n'um d'esses lances, em que elle reveste verdadeiramente o caracter da primitiva innocencia de nossos primeiros paes.

Um dia que se encontrava nas cercanias de Bevagna, é saudado por bandos de passarinhos que borboleteam alegres por entre a ramagem das arvores, e que vêm toldar o caminho, fazendo semicirculo em torno do Santo, que lhes falla assim: «Aves, minhas irmãs, ouvi a palavra de Deus. Tendes sobejas razões para louvardes o nosso Creador. Elle vos cobriu de pennas, vos deu azas para voar, vos collocou n'uma região tão bella, tão serena e tão grande, como é a d'esses ares que, de continuo, respiraes. Foi Elle que vos deu para refugio as brenhas dos montes, e para sustento os bichos da terra. Louvae pois ao vosso Deus, e sêde-lhe sempre agradecidas». Então era vêr aquellas filhinhas da Providencia acercar-se do Santo como d'um amigo, escutal-o com submissão e amor, abrir o bico, estender o pescoço, bater as azas, e fitar o grande Pregador que se diliciava no meio d'ellas, e admirava a sua docilidade. Por fim, abençoadas, lá se vão para as quatro partes que lhes aponta a cruz traçada pelo Santo, «á maneira dos religiosos que mais tarde haviam de percorrer e salvar o mundo sem mais armas que a da cruz, nem mais confortos que os da grande meza de Deus [3]».

Certa occasião que multidões de andorinhas lhe impedem a pregação com seus gorgeios, lhes dirige estas palavras: «Andorinhas, minhas irmãs, ha muito já que vós fallaes: toca a mim fallar agora». E ellas se calavam com respeitoso acatamento.

Na sua volta da Syria, eram ainda os passarinhos que o festejavam junto ás lagoas de Veneza. O Santo introduz-se no meio d'elles, e começa de rezar o officio divino. Silencio profundo succede aos canticos passados, para só interromper-se por ordem especial do Santo, depois de rematada a devoção.

No Alverne sobe de ponto a maravilha. Elle mesmo chama a campo as avesinhas do céo, e as desafia nos louvores a Deus; ellas cobram novos alentos, e redobram seus gorgeios; a natureza emfim subjuga a arte, e Francisco fica-se extenuado; mas quando os seus membros lassos gosaram parcamente do repouso, é ainda um falcão que o vem despertar para matinas a horas da meia noite!

Que de sentimentos não despertára na alma do poeta christão, este homem enamorado da natureza, servido pela natureza, e cantando a natureza no cerro d'um monte, longe das tempestades do mundo, que se desencadeam cá em baixo, emquanto elle, á maneira das aves suas predilectas, aspira no alto as delicias da solidão, e adeja para regiões da eternidade, como ellas para as regiões do ar!

O que não diria o amante cantor dos campos e das florestas, o vate do amor, Virgilio, se podesse inserir nos seus idyllios as scenas tão naturaes e tão divinas representadas pelo poeta d'Assis? O que não faria Homero com toda a fecundidade do seu genio, se lhe fosse dado contrapor aos amores de Ulysses e Penelope [1], os desposorios de Francisco com a pobreza, dama desterrada e engeitada pelos filhos do seculo, mas procurada e abraçada pelo mesmo Deus [2]?

Narra a historia como homens de vida austera e pureza illibada chegaram a dominar e a fazer-se temidos pelos irracionaes [3]. Mas nem a poetica do christianismo, nem as lendas pagãs apresentaram nunca simil capaz de afrontar a grandeza e attração de Francisco perante os seres da creação.

E' que S. Francisco foi talhado por Deus a sêr em pleno seculo XIII o sol da poesia christã, que alumiando dois hemisferios, o do mundo antigo e o do mundo moderno, mostrasse ao primeiro a inferioridade do estro pagão em face da grandeza humana, e revellasse ao segundo como só a caridade é manancial puro de nobres sentimentos e de sublimes ideaes.

[1] Psalm. 148.

[2] *O pietas simplex, o s.... plicitas pia.* (Tomás de Celano).

[3] Fioretti dé Sam Francesco, c. XVI.

[1] Odyss., lib. XXIII.

[2] Toda a gente sabe como S. Francisco, ao agenciar do S. Pontifice Innocencio III a approvação da sua regra, lhe propoz uma celebre parabola, em que a pobreza é uma donzella pobre e exilada, que, por sua belleza rara veiu a ser sollicitada por Deus, que de então só adoptou por filhos aquelles que trouxessem bem gravados os traços d'esta mãe, que gerou os Apostolos, os Anachoretas, e uma infinidade de santos.

[3] Como de S. Martinho nota Sulp. Severo dial. n.º 12 — de S. Antão adverte S. Athan. Vit. S. Anton. n.º 50 — e de S. Columbano assevera Jonas Vit. S. Colomb. n.ºs 25, 27 et 30 inter. Act. ss. Ord. s. Bened. sec. 2; com Mabilhon e Surio.

Secção doutrinal

A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco d'Assis

(Continuação)

O imponente congresso de Reims, nos dias 17 a 21 d'agosto de 1896

SIMPLES REFLEXÃO

O CONGRESSO dos Terceiros Franciscanos toma visivelmente, as proporções d'um dos mais bellos acontecimentos religiosos de que Reims berço da fé nacional será theatro n'este anno, que é o decimo quarto centenario do baptismo de Cloris e dos Francos.

O numero dos congressistas cresce de dia para dia; as ceremonias do culto, nas diversas e esplendidas igrejas da cidade, offerecem espectaculos que não invejam as solemnidades de outubro; os operarios comprehendem, que alguma cousa interessante para elles, se passa dentro de seus velhos monumentos; e por isso, vem anciosos aos templos ver desfilar os seus verdadeiros amigos; as secções são muito abrilhantadas, pela participação d'homens de sciencia, acção e zelo.

Porém qual é o caracter distinctivo d'estas reuniões? Eis o que o nosso espirito naturalmente procura, como tudo naturalmente tende a descançar no seu fim, e isto quereriamos nós encontrar. A qualidade dos organisadores e dos congressistas é mui sufficiente pora esclarecer este ponto.

Desde longos annos que a Ordem Terceira franciscana, tinha degenerado n'uma simples associação piedosa, era conservada pelos religiosos da Grande Ordem Seraphica a titulo de recordação archaica, recordando grandes glorias para ser totalmente abandonada. Quem pensaria, aqui alguns annos atraz, que esta instituição seria apta para prestar alguns serviços hoje á Igreja? Haveria alguem que lançasse mão d'ella, como d'um instrumento de regeneração social?

Pois bem! esta instituição completamente esquecida, e contada no numero d'essas antiguidades que passam á historia, mas deixaram de influir na direcção dos povos, levantou-se acordada por uma voz forte e vigorosa, apresentou-se em Limoges no anno passado, e agora aqui em Reims para affirmar a sua virilidade, mover as massas populares, agrupar as multidões, espalhar por toda a parte ideias fecundas e de justiça, e sobre tudo para mostrar que é capaz de fazer hoje o que nos primeiros dias de sua existencia.

Esta quase resurreição, assegura-nos, de que nas creações gigantescas do Grande Pahiarcha d'Assis, ha um germen de vitalidade quasi miraculoso, a quem a Igreja communicou a immortal tenacidade de suas obras; é isto tambem uma prova irrefragavel do formidavel poder de resurreição, que existe na Igreja e em seu Divino fundador Christo Jesus.

Por mais fecundo que seja em si o germen de vida das fundações do *Poverello,* foi necessario uma alavanca, para mover essa força inerte durante mais d'um seculo, uma aragem benefica, que passando por sobre essa ossada franciscana, animasse e désse vigor a esses valorosos combatentes d'outr'ora.

Leão XIII fallou, e immediatamente a grande familia franciscana pôde mostrar ao mundo o terceiro filho do grande Pahiarcha; tinha adormecido no fim do seculo 18 e acorda no fim do seculo 19! um seculo! Hoje este ultimo membro da familia lança-se folgado na carreira, com a impetuosidade tranquilla dos cavalleiros da Cruz, que se sentem chamados aos novos combates. E' uma das mais solidas esperanças. Reorganisa-se para as batalhas do dia, e prepara-se para a crise talvez terrivel do dia que virá, não muito longe.

Eis o que significa esse congresso celebrado dentro da antiga cidade de Reims, illustre por ser o berço da Fé Christã do reino da França; e agora fechemos esta *reflexão* e continuemos com os trabalhos do *segundo dia do congresso:*

No dia 19 desde as 5 da manhã esteve exposto o manto de S. Francisco na bella Igreja de Santo André. Faziam-lhe guarda d'honra dois religiosos e dois Terceiros que se succediam de meia em meia hora. Esta insigne reliquia uma das mais bellas, que se conhecem, é o *manto* que o Pobre d'Assis, mandado pelo Cardeal Hogolino, enviou a sua cara filha Santa Izabel de Hungria, Gloria e Padroeira da Ordem Terceira. A santa rainha orgulhava-se de a vestir nos dias mais solemnes, como se fosse o mais precioso adorno. Depois da sua morte legou-a á Ordem Tentonica como o mais precioso thesouro que possuia. E a Ordem Tentonica em agradecimento aos muitos serviços que lhe devia, offerece-o ao nosso grande rei S. Luiz.

Conservado até á revolução franceza no convento dos franciscanos de Paris, foi salvo da tormenta revolucionaria, pelos Padres Capuchinhos, e a elles confiado. Este manto é pois, uma das recordações mais preciosas que possue a ordem Seraphica, por estar santificado com tres das suas maiores glorias; seja elle para nós um penhor perpetuo da protecção do Seraphico Padre. Continuemos a chronica·

A Igreja de S. André está magnificamente decorada. O seu parocho, quiz mostrar a sua dedicação pelos filhos de S. Francisco e nada esqueceu o seu zelo sacerdotal, para tornar mais luzida a festa. A's 7 começou a missa; era celebrante Mgr. Lasserre, bispo d'Arabia; estavam presentes todos os congressistas, e uma numerosa multidão de fieis. Quando começou a missa, o Padre Fr. Norberto Guardião dos Capuchinhos de Paris, o corajoso salvador do m[illegible]o de S. Francisco sob o reinado da Communa, entoou, com voz sonora e vibrante, o *Ave Maria Stella;* saudemos a Virgem, e implorêmos suas bençoes para o nosso congresso.

S. Francisco prégando ás avesinhas, pag. 452

Depois do Evangelho, sobe ao pulpito o Padre Fr. Eduardo, franciscano recollecto. Que bello discurso!!... Quizeramos transcrevel-o tal qual o pronunciou o orador, porém não o permitte os limites da *Voz;* daremos apenas as ideias mais geraes: *Induimini Dominum nostrum Jesum Christum.* «Revesti-vos de N. S. Jesus Christo». O manto exposto á vossa veneração não é uma simples lembrança de S. Francisco, é um symbolo, o symbolo das virtudes de N. Senhor; de sua humildade, mortificação e pobreza. S. Francisco, nosso Pae, cobriu-o. S. Francisco revestiu-se d'uma fórma tal, de Jesus Christo, identificou-se com elle de tal fórma, que parece uma segunda Encarnação...

«Nós somos filhos de Francisco; mais que os outros christãos, temos o dever de caminhar pelas pisadas de Jesus. Nosso Pae vae na frente; seguime, nos diz elle, caminhemos em seguimento de Christo. Segui-me até ao Alverne, até ao Calvario, de contrario não vos reconheço por meus filhos, *nescio vos.*

«Coragem! Arvoremos no mundo o *labaro* franciscano, da pobreza e da penitencia. Reputemos como uma gloria andar com os pés nús, habito de grosseiro burel, amarrados com uma corda como malfeitores. Jesus Christo é adorado como Deus; e nós parecemo-nos com Jesus Christo.»

Os filhos do Patriarcha d'Assis, sob a emoção produzida por essa palavra apostolica e verdadeiramente franciscana, entoaram com todo fervor de suas almas o belio *credo* de Dumont.

A communhão foi uma verdadeira *agape* fraternal. Mais de 500 Terceiros se avisinharam da Sagrada Mesa, sem distincção de classes, a receber o Pão dos fortes. Durante a communhão, os religiosos, cheios de enthusiasmo, entoaram o cantico da Ordem Terceira militante:

Debout! marchons en liberté!
En avant pour Dieu pour l'Eglise!
Voici notre sainte devise:
Foi, vie austère et charité!

E assim terminou o primeiro acto religioso do *2.º dia do congresso.*

Das 8 $^{1}/_{2}$ ás 9 $^{3}/_{4}$ houve a reunião sacerdotal, reunião dos delegados das confraternidades de Terceiros e Terceiras.

Antes da hora marcada para a sessão publica, todos os membros do congresso se encontravam reunidos no grande atrio do Paço archiepiscopal onde o Cardeal Langenieux, os desejava receber. A chegada de sua eminencia foi saudada com gritos de: Viva o Cardeal! viva o Cardeal! Restabelecido o silencio, manifestou o rev.mo presidente do congresso, em termos respeitosos e delicados, os sentimentos de agradecimento e admiração, que experimentam os Frades Menores e Terceiros, por quem com justo titulo se chama o Cardeal dos operarios. Porque amaes os pequeninos e humildes, contam os Frades Menores, com a vossa protecção, para poderem realisar, mediante a Ordem Terceira, os desejos do Soberano Pontifice, e a restauração dos costumes christãos na sociedade.

O Em.mo Prelado, agradece a escolha que fizeram da sua cidade para o congresso, dá alguns conselhos praticos aos Terceiros, e diz que é em seu nome e no do Papa, que elle vae abençoar o congresso, pois acaba de receber o seguinte telegramma:

Cardeal Langenieux Reims.

Acceitando as homenagens dos Frades Menores e Terceiros, reunidos sob a presidencia de V. Em.ª, o Santo Padre abençoa-os de todo o coração, desejando que o congresso seja fecundo e pratico.

Cardeal Rampolla.

A leitura d'este telegramma, levantou maximos applausos de: Viva Leão XIII!! viva o Cardeal! Sua Em.ª abençoou a devota multidão, toda de joelhos, e depois do canto de *Oremus pro Pontifice,* os congressistas saudaram a retirada do Cardeal, com repetidos gritos de: Viva Leão XIII!! viva o Cardeal!!

Sem perder tempo, o presidente convida os congressistas para a sessão publica, que começou immediatamente. Recitadas as orações do costume, o rev. padre presidente lê um telegramma da Ordem Terceira de Braga, que envia a sua adhesão ao congresso de Reims. Era do theor seguinte:

Braga. O Definitorio da Ordem Terceira de Braga em Portugal, sauda seus irmãos reunidos em Reims; adhere a todas as resoluções do congresso, e faz votos pela prosperidade das tres ordens de S. Francisco.

Min. Valença.

Depois fallou o R. P. Giller Vigario Geral de Moulins, lembrando a conclusão do congresso de Limoges sobre as peregrinações dos Terceiros. Não se podem considerar como um dos meios mais meritorios, porém servem para unir e agrupar, e para confessar altamente a nossa fé, e orar juntos... E' uma bella occasião que tem os Terceiros para communicar suas forças e fraternisar.

Trava-se uma polemica muito interessante e animada a respeito do programma pratico a oppôr ás doutrinas socialistas.

Alguns dos congressistas expõem a necessidade de precisar o sentido da palavra capitalismo. Para impedir os transvios dos catholicos não seria melhor substituir a palavra *usura* isto é abuso do capital pela palavra *capitalismo?*

O congresso passa a occupar-se da santificação do Domingo. Qual deve ser a acção da O. T. E sobre tudo o que fez a este respeito e o que deve fazer hoje. Não cruzemos os braços; fallando dos negociantes, ha casos em que não podem fechar as suas lojas; mas quando se trata só de lucro, então devem fechar... porque o Bom Deus nos mandará pela janella, o que recusamos pela porta.

Não viajar, nem fazer compras ao Domingo, e mesmo tanto quanto possivel prescrever essas reu-

niões, que exigem muitas vezes dos seus creados mais lide e affazeres que em toda a semana. E que mais deve fazer o Terceiro! Assistir fielmente á missa parochial... é esta a missa de familia. Se os Terceiros ahi não vão, quem a isso se julgará obrigado?

O R. P. Hopenot da Companhia de Jesus pediu a palavra, e mostra com a experiencia, quanto se pode obter, com a fundação de aggremiações, intituladas: *Associação Santificadora do Domingo,* e sobre tudo com a formação e publicação d'uma lista de todos os negociantes que fecham o seu commercio ao Domingo, a quem os catholicos e sobre tudo os Terceiros deveriam favorecer.

A's 2 da tarde, reuniram-se as commissões: da Santificação do Domingo, Familia christã e operarios christãos. Na sessão solemne da tarde, um dos congressistas, insistindo na obrigação de guardar o Domingo, lembra que era um dever de todos os Terceiros, abster-se de tudo aquillo que poderia dar trabalho aos empregados publicos: como escrever cartas, viajar, etc., etc.

Pelas 8 da tarde teve logar a tacante ceremonia da renovação dos votos do Baptismo, e profissão da O. T., laços que alli reuniam todos os congressistas de partes tão diversas. O R. P. Adolpho, commissario geral do congresso, subiu ao pulpito, e fez pronunciar a todos, esta bella fórma, que nós transcrevemos para modelo e edificação dos nossos Terceiros Portuguezes:

Senhor Jesus, aqui estamos humildemente prostrados aos pés de vossa infinita Magestade, para vos adorar e bemdizer. A memoria de vossas incomparaveis bondades para comnosco, fazem trasbordar o nosso coração do mais sincero affecto e reconhecimento. O vosso amor pelos homens, levou-vos até á morte, e com ella lhe merecestes a graça necessaria, para permanecer em vosso amor.

Quando viemos a este mundo, por um effeito de vossa misericordia, a Santa Egreja, nos purificou e recebeu em seu seio. Somos filhos seus, e participaremos da vossa eterna felicidade. Para nos segurar tão bellas prerogativas, como foi bom o Divino Jesus! Não é ao vosso poderoso auxilio que nós devemos permanecer fieis aos sagrados juramentos do baptismo? Quem nos levantou dos precipicios onde tinhamos cahido, e nos restituiu a graça perdida, senão os amorosos chamamentos da vossa graça?

O mundo tentava o nosso coração com enganos e prazeres, capazes de o corromper, e de nos affastar do seu unico objecto digno de amor. Nossa natureza viciada pelo peccado, necessitava da mortificação para se sujeitar ao suave jugo de vossa lei. Bemdito sejaes, amavel Jesus, que tão bom tendes sido para comnosco! Por uma vocação especial de vossa misericordia, vimos em seguimento do grande Penitente d'Assis, e professamos a regra da sua Ordem Terceira. Fizestes-nos a graça de amar o que S. Francisco amou, e de detestar o que aborreceu. Inspirae-nos o desejo de imitar a dedicação e zelo pelo proximo que caracterisou a vida d'este Patriarcha. Daes-nos, como a este grande santo, o desejo d'uma vida piedosa, e toda consagrada á vossa gloria. Mil louvores vos sejam dados, ó Senhor Jesus! E como penhor de nosso reconhecimento, dignae-vos acceitar os mais sinceros protestos de amor e fidelidade que hoje aqui depositamos aos vossos pés.

Herdeiros da Fé de nossos paes, vimos aqui reanimal-a e fortalecel-a; e promettemos conservar puro e intacto este precioso thesouro, ainda a troco mesmo da nossa vida.

Detestamos o mundo e suas maximas, o demonio e suas obras; combateremos contra elle até ao ultimo alento. Não queremos outro Senhor e Mestre que vós, oh Jesus!...

E em fé de que o nosso coração é sinceramente renovamos e confirmamos, na presença de toda a côrte celeste (e d'esta assembleia) nossa santa profissão na O. T. de S. Francisco.

Deus e Senhor nós vos promettemos, e á Bemavemturada sempre Virgem Maria, ao N. Seraphico Padre S. Francisco e a todos os Santos, guardar em toda a nossa vida os mandamentos da lei de Deus e a regra da O. T. instituida pelo mesmo Bemaventurado Padre S. Francisco, e confirmada pelos Summos Pontifices Nicolau IV e Leão XIII, promettendo satisfazer as penitencias que nos forem impostas pelas transgressões commettidas contra a mesma regra. Dignae-vos, Senhor, conceder-nos a graça de sermos fieis até á morte a estas nossas promessas; e esperamos que premiareis nossa fidelidade dando-nos o céo, onde seremos felizes louvando-vos e glorificando-vos eternamente. Assim seja.

A esta bella confissão de fé seguiu-se a procissão, que se desenrolou magnifica sob as abobadas da Igreja innundada de luz.

Ao canto do psalmo *Misericordias Domini* o manto de S. Francisco levado pelos religiosos passa pelas fileiras da multidão que se inclina com summo respeito e confiança.

Finalmente, a solemnissima benção do Santissimo fechou este segundo dia do congresso.

(*Continúa*).

A Corôa Seraphica

IMPORTANCIA HISTORICA E LITURGICA

DATA de mais de 400 annos a sua origem. Vem largamente commentada pelos antigos chronistas da Ordem Franciscana, e é, resumindo, como se segue.

Vivia em começos do seculo 15 um mancebo prendado de boas qualidades, e singularmente affeiçoado á Mãe de Deus. A's orações de cada dia juntava elle uma pratica excellente, e tanto mais bella em si, quanto a fazia elle com porfiada assistencia e ternura inexcedivel. Ia-se dia por dia ao jardim, tecia uma linda corôa de flores, e depois cingia a fronte d'uma imagem de Maria que venerava em seu oratorio.

Um dia, movido por superior inspiração, fructo porventura da sua piedade ardente para com Maria, decidiu-se a entrar na Ordem dos Menores. Entrou; mas com entrar e fazer-se noviço, teve que render-se á disciplina commum, que não dava para devoções particulares, nem estava seu mestre para o deixar vir ao horto sosinho.

Doia-se a alma innocente do joven noviço, por não poder alargar por completo os vôos do coração. Parecia-lhe que Maria SS. não havia de levar a bem uma devoção interpolada, e que por nada devia faltar a ella. Em sua desolação projectou sahir da Ordem. Mas como nada fazia sem conselho de sua augusta Protectora, prostrou-se-lhe mais uma vez aos pés, chorou muito e orou em silencio por largo tempo.

Então, por um rasgo inexcedivel de amor lhe appareceu a Rainha dos Anjos, e lhe disse que não devia agoniar-se por não poder prestar-lhe a ho-

menagem do costume, que não cahisse em deixar a Ordem que com tanto fervor tinha abraçado, nem em largar o habito que estreitara com tanto ardor.

E, proseguindo: «olha, filho, vaes saber como has-de tecer-me uma corôa muito mais agradavel a mim, e a ti de mais subido merecimento» — E logo lhe foi ensinando como devia de repetir cada dia sete vezes uma dezena de Ave-Marias, precedida sempre d'um Padre-Nosso. Como na primeira se havia de penetrar d'aquelle goso com que foi inebriado seu coração na Encarnação do Divino Verbo. Na segunda entrar-se do prazer que ella teve na visita de S. Izabel, e santificação do glorioso Baptista. Na terceira revolver com attenção na sua mente o incomparavel jubilo que lhe trouxe o feliz Nascimento de seu Filho, e a inapreciavel dignidade a que foi sublimada, sem que fosse tocado o brilho da sua virgindade. Mostrou-lhe como na quarta havia de ponderar o ineffavel prazer que ella sentiu com a adoração dos Reis Magos, a que estava aliado o triumpho do Redemptor sobre o paganismo; na quinta a grande consolação que lhe adveio com o recontro de seu Filho no templo; na sexta o immenso jubilo ao vêl-o resuscitado; na setima, emfim, a sua gloriosa Assumpção aos céos, d'onde, se elle fosse fiel, lhe garantia a sua protecção. Desappareceu a Senhora, e o piedoso mancebo, repleto de jubilo, jámais teve tentações de sahir da Religião, onde viveu e morreu em cheiro de santidade.

Esta a origem da *Corôa seraphica*, que ha mais de 400 annos se repete cada dia nas communidades franciscanas, e que o céo acreditou com multidões de maravilhas [1].

Rodaram annos após este successo. Dois homens de aspecto feroz e olhar sinistro, se encaminhavam ligeiramente para o embrenhado d'um bosque situado nas bordas d'um caminho sombrio. Começava já de anoitecer quando viram ao longe dois religiosos franciscanos, que avançavam lentamente, caminhando e orando, sem lhes vir ao pensamento sequer o risco em que se iam metter. Os bandidos esconderam-se arteiramente na espessura do matto, em tal posição que podessem atacar de repente os pobres e indefensos religiosos. Porém, um espectaculo inaudito os surprehende no momento mesmo em que tentam perpetrar o crime. Uma bella e magestosa Senhora segue de perto os religiosos, que rezam em silencio a *Corôa* ensinada por Maria ao mais moço dos dois. A cada *Avè-Maria* passada por elles, uma nova flor se vae prender n'um fio doirado que a peregrina companheira traz nas mãos. Ao cabo, finda a devoção dos religiosos, Maria Santissima (que outra não era aquella Senhora) termina por sua vez uma linda corôa de rosas, que põe na sua cabeça. Logo, abençoando os seus devotos, desapparece, e derrama um olhar de misericordia sobre aquelles desgraçados que, subito arrependidos, se prostram aos pés dos religiosos, lhes descobrem o seu delicto, e a causa da sua conversão. Mais tarde, anhelando apagar suas culpas com os rigores da penitencia, vestem o burel de S. Francisco e passam uma vida exemplar, ao serviço d'aquella que tão benignamente os tinha convertido.

Era assim que Maria Santissima testava ao mundo quanto lhe agradava uma devoção que ella mesma instituira, baixando do céo á terra.

Mas se a *Corôa Seraphica* é na sua origem commovente, e nos seus effeitos maravilhosa, não é menos para admirar no apreço e favores que lhe dão os Summos Pontifices.

A todos os religiosos e religiosas de S. Francisco que a recitarem, e aos filhos da Ven. Ordem Terceira concede Leão X indulgencia plenaria [1]. Paulo V concede a mesma indulgencia depois da sua geral revogação, [2] e Innocencio XI confirma esta concessão por letras especiaes [3].

Por ultimo, em 29 d'agosto de 1684, a Sagrada Congregação das Indulgencias [4] declara ainda que a *Corôa Seraphica* é innegavelmente decorada com indulgencia plenaria. [5]

Praza a Deus que esta breve noticia historica e liturgica do que foi e é ainda a *Corôa Seraphica*, afervore mais e mais os filhos da Ven. O. Terceira de S. Francisco na devoção á grande Mãe de Deus, e lhes augmente a santa cubiça de se apossarem com ardor do thesouro das indulgencias que lhes abre a Santa Egreja. [6]

Santa Protectora para o mez de novembro

Santa Isabel, rainha de Hungria.

Absolvição geral

No dia 1 — Festa de Todos os Santos.

No dia 19 — S. Isabel, rainha de Hungria e viuva da O. III.

No dia 25 — Santa Catharina, virgem e martyr

Indulgencias que os Irmãos Terceiros podem lucrar

Plenarias — No dia 12 — S. Diogo da 1 Ord. 19 — Santa Isabel de Hungria, da O. III.

[1] Só dos milagres authenticados conta Wadingo 16. Vêde Paraiz. Seraphic. Part. Terc. Liv. I, c. XXXV.

[1] Leão X no breve Exponi nobis, dia 14 de set. de 1517.

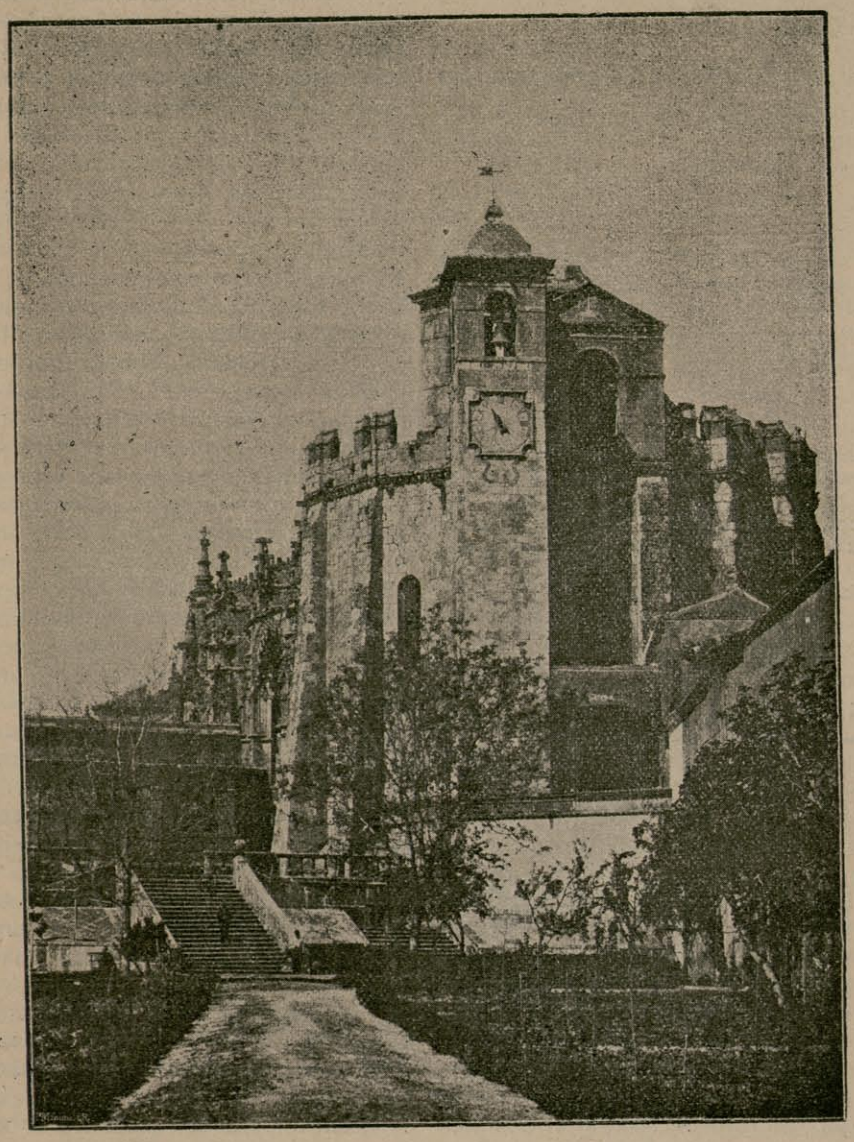
[2] A rogos do P. Luiz de S. João Evangelista, como attestam Lantusca, Kasenberger, Portell., Sgobar, Sanig, Peyrin., Rodriguez e outros.

[3] Innocencio XI, Exponi nobis, no dia 15 de maio de 1683.

[4] Decret. auth. n. 412.

[5] Para maior esclarecimento, vêr *Paraiz. Seraph.*, part. terc., l. I, c. XXV; Bibliotheca Ferraris, na palavra *Indulgentia* n.º 10; Acta *O. Minorum*, anno IV, fasc. VI, pag. 81.

[6] Os nossos leitores já sabem como o Santo Padre Leão XIII, depois de haver corrigido os privilegios dos Terceiros no tocante ás indulgencias, lhes concedeu ultimamente por um breve especial que possam ganhar durante *cinco annos* todas as que lucram a 1.ª e a 2.ª O. de S. Francisco.



Exterior da capella dos Templarios do convento de Christo (Thomar).

26 — S. Leonardo de Porto Mauricio, da 1 O.
28 — S. Jacob da Marcha, da 1 O.
29 — Festa de Todos os Santos da Ordem.
Parciaes — 19 — S. Isabel — sete annos e sete quarentenas.

Virtude a imitar

Soffrer com resignação e paciencia todas as adversidades que aprouver ao Senhor enviar-nos.

Maxima espiritual de S. Francisco

Bemaventurados os que amam a Deus e põem em prática o que Jesus Christo diz no seu Evangelho: Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e ao proximo como a ti mesmo.

* * *

ANEDOCTAS

N'uma esquadra de policia.

O cabo, com muito maus modos. — Você o que é?

O preso, humildemente — Sou poeta.

O cabo — Poetas!... Poetas!. . E' uma canalha que eu conheço muito bem ... Meu irmão tambem tem essa mania.

O preso — Então estamos eguaes.
O cabo — Porquê?
O preso — Porque eu tambem tenho um irmão que é um animal.

*

O pae ao filho que é estroina e que volta para casa sempre tarde.
— Henrique, que horas eram quando chegaste?
Henrique vagamente:
— Eram horas d'ir para a cama.

*

N'um cabelleireiro.
— Apre! meu amigo, diz um freguez ao official que lhe corta o cabello, porque me conta sempre historias de crimes... scenas horriveis?..
— Oh! é muito simples; porque fazem arrepiar os cabellos e o corte é mais facil.

*

Um beberrão cahiu uma noite na rua e adormeceu.
Quando acordou pela madrugada estava um cão a lamber-lhe o rosto.
O pobre homem, ainda um pouco tonto pelos vapores da aguardente, julgando estar em casa do barbeiro, diz ao cão:
— Mestre, deixe-me ao menos o bigode.

Leituras amenas

A PRECE A SANTO ANTONIO

O QUE mais surprehende na bella e encantadora Suissa é aquelle peregrino contraste de neves perpetuas a par da mais exuberante vegetação. No fundo do valle amenos e deliciosos prados, no alto da montanha enormes colossos de gelo, cortados de profundos despenhadeiros por onde rolam ás vezes correntes invisiveis. E tudo isto se sobrepõe e encadeia com o matiz ora claro logo escuro da rocha arida e nua, tinta ao de leve, aqui e além, n'umas estreitas nesgas de verde-claro, desenhadas por um tenue filete d'agua que humedece alguma pitada de terra esquecida alli atravez das revoluções geologicas.

Por estes oásis andam pascendo continuamente numerosas cabras, tão descuidadas do perigo como inadvertidas da belleza selvatica da paisagem. Levadas d'aquella insaciavel gulodice, que lhes é tão peculiar, veem-se muitas vezes só por colher uma fevera d'herva, alcandoradas por cima d'abysmos insondaveis, com as patas dianteiras cahidas sobre o peito, o pescoço estendido e os chavelhos a roçarem nas espadoas. E havemos de maravilhar-nos d'isto, nós que tambem somos tentados, e que tantas vezes succumbimos vergonhosamente, cegos ao perigo a que nos arriscamos?!...

De manhã cedo abre-se a porta do curral, e sáem todas para o pasto, vigiadas sempre por jovens montanhezes, ás vezes a grande distancia, porque tambem elles, como as suas cabras, querem muito á liberdade e ao ar fresco do campo.

Assim vão crescendo á mercê da natureza, acostumando-se, de creanças, a passar e tornar a passar á borda d'aquelles despenhadeiros onde basta para sepultal-os um passo dado em falso; mas, como o filho do pescador tem pé de marinheiro, assim teem elles pés de montanhezes. Afinal a destreza vem a parar d'ordinario em temeridade: quantas vezes, para chegar a um ninho, se penduram por aquellas rochas escarpadas, sem attentarem no perigo a que arriscam a propria vida! N'aquella idade joga-se, canta-se, dorme-se, e quando, no meio dos folguedos, lembram as cabras, basta um assobio para chamar alguma fugitiva. Sobrevem a noite; então o assobio sobe e desce, em escala mais ou menos lenta. E' o *toque a recolher* que annuncia a volta ao redil. E as cabras acodem obedientes, uma por uma, não já a saltar, como ao sahir do curral, mas graves e preguiçosas, como se comprehenderam que levam comsigo o sustento do dono e que de suas tetas hade sahir a fortuna que o fará rico. Param, cada uma por sua vez, dão seu leite, e depois entram para repousar no somno mais descuidado que seja possivel dormir-se.

N'uma d'estas cabanas originaes, suspensa n'uma rocha quasi inacessivel, cuidavam do rebanho dois pequenitos, tão irmãos no sangue como nos instinctos e feições. As suas cabras compensavam tão bem, com a mais exemplar obediencia, o seu peccado de *gulosas*, que davam occasião a que os dois serranos se descuidassem na vigia. Occupados em construir, com pequeninos canivetes, casinhas de pau d'abeto, que, no inverno, vendiam por qualquer bagatella aos negociantes que passavam por alli, deixavam o rebanho divagar a seu bel-prazer, coisa que ás cabras não desagradava de todo.

Mas não ha no mundo felicidade que não seja mesclada de desgosto. N'uma tarde, a cabra que mais prezavam entre todas, a mais bella e obediente não voltou. *Branquinha*, que assim lhe chamavam, desmentiu pela vez primeira o conceito que d'ella formavam. Foi debalde que por aquelles ermos echoaram os assobios desde os mais graves aos mais agudos, até que, sobrevindo a noite, tiveram d'interromper as pesquizas, porque, por mais completo que seja o conhecimento d'aquellas paragens, ha sempre grande perigo em andar por ali de noite. Tiveram de resignar-se a entrar em casa, ouvir a voz severa e ameaçadora do pae e presencear a afflicção da mãe a chorar inconsolavel; e, por maior penitencia, houveram de contentar-se com um pedaço de pão negro, em vez da deliciosa sopa de leite que nunca haveriam saboreado com maior gosto. Dura provação!

Foram deitar-se ambos, a um canto da cabana, onde tinham a cama; ali estão, com a cabeça escondida debaixo da manta, e chorando, voltados um para o outro. Não fallam, mas de quando em quando desabafam sua dôr em profundos suspiros, mais dispostos no entanto a amaldiçoar a cabra,

que foi causa de tantas afflicções, do que a lastimal-a. E verdadeiramente de quem foi a culpa, senão d'ella? Porque fugiu das companheiras? Porque não foi obediente? Se lhe acontecesse a ella alguma desgraça, bem o tinha merecido; mas elles que culpa tinham para que assim os castigassem? Verdadeiramente, aquillo não era justo...

Assim discorriam os dois pastores. E' a logica de muitos homens que julgam os trabalhos proprios castigo de culpas alheias.

Por fim veio o somno, este grande consolador dos que soffrem, que fez esquecer tudo. Mas com o dia, veio tambem a voz do pae a recordar a triste realidade. Era preciso pôrem-se a caminho, á frente do rebanho, e ir em procura da *Branquinha*.

Assim o fizeram. Mas — oh desgraça! — nem os berros das outras cabras, nem os assobios e vozes dos pastores, repetidas nos echos das quebradas, poderam dar conta da fugitiva. Não havia que duvidar: estava no fundo d'algum precipicio, e, porisso, — favas contadas — não tornariam mais a vêl-a.

O pae, mais que nunca severo e ameaçador, porque queria que a lição aproveitasse, deixou-os sósinhos na serra, entregues a profundas meditações, que se traduziam em grossas lagrimas que lhes corriam, a quatro e quatro, pelas faces tisnadas e duras. Ambos, como é natural, continuavam accusando a cabra como causadora de todos aquelles trabalhos e amarguras. De repente, o mais novo bateu na testa com um gesto inspirado e exclamou:

— Havemos d'encontral-a! havemos de dar com a *Branquinha!* Pois que? Já não haverá no céo um S. Antonio que se dôa dos pequeninos quando lhe promettem que serão melhores para o futuro? Ajoelhemos ambos.

Os dois pastores ajoelharam ambos, um ao lado do outro, de mãos postas e olhos no céo, e resaram juntos, recitando o mais novo esta invocação:

«Meu querido S. Antonio: temos muita pena da nossa *Branquinha*, que se perdeu. Permitti que a encontremos viva, que nós promettemos que, para o futuro, havemos de guardar o rebanho sem nos distrahirmos, e que daremos aos pobres todo o dinheiro que nos dérem pelas nossas casinhas de pau».

Concluida a oração, o mais velho levantou-se apressadamente e disse:

— Uma boa ideia que eu tive agora: tiremos o chocalho do pescoço da nossa cabra negra e vamos com elle tocando ao longo dos rochedos. Se a *Branquinha* nos ouvir, ainda que esteja no fundo d'algum barranco ha-de responder.

— Foi S. Antonio que te inspirou esse pensamento, volve o mais novo. Toma o chocalho e vamos lá.

Chegaram depressa á beira dos primeiros precipicios; detiveram-se ambos, assustados e pensativos, até que o mais velho quebrou o silencio dizendo:

— Vês aquelle tojo tão viçoso que ali está pendurado para o barranco? Não te parece que poderia tentar a *Branquinha?*

— E' verdade... E era tão facil escorregar para o precipicio que está por baixo... S. Antonio, tende piedade de nós! Subamos ali, e de lá veremos; tu vae tocando o chocalho, que eu irei resando ao Santo.

Ajudando-se dos joelhos e das mãos, começaram os intrepidos montanhezes a escalar os rochedos. Quem os visse de longe, diria que eram dois gatos que trepavam. O mais novo não interrompia a sua ladainha: «S. Antonio, rogae por nós; S. Antonio, compadecei-vos de nós; S. Antonio, tende piedade de nós...». E, ao mesmo tempo, o chocalho, suspenso nos dentes do outro, ia badalando sempre como se estivesse ao pescoço d'uma cabra. Quando já quasi tocavam no fatal espinheiro, detiveram-se ambos e gritaram em alta voz:

— *Branquinha! Branquinha!*

Pareceu-lhes ouvir uns carpidos tristes e afflictivos que sahiam de debaixo da terra. Seu primeiro movimento foi d'alegria, o segundo foi de temor. Dado que fosse a *Branquinha*, de que lhes serviria têl-a encontrado se não podiam soccorrel-a? O mais velho deitou-se de bruços e estendeu a cabeça por cima da ourella do precipicio.

— Lá está ella! lá está ella!

Era, com effeito, a *Branquinha*. O pobre bicho, graças á sua agilidade e a seus pés pequeninos, conseguira, ao escorregar, sustentar-se n'uma pequena saliencia da rocha; lá estava immovel e queda, porque o instincto a fazia conhecer o perigo em que se achava. Os berros com que respondia ao toque do chocalho, tinham a cadencia triste e penetrante de quem chora.

— Não te vás d'aqui, disse o mais velho para o irmão; reza a S. Antonio em alta voz, que a *Branquinha* perceberá que vimos soccorel-a. Eu vou a correr chamar o pae.

Desceu da rocha com a agilidade d'um gato, emquanto o irmão mais pequeno, estirado á beira d'aquelle abysmo, continuava rezando e agitando o chocalho sem nunca parar. Nem por sombras duvidava do soccorro do Santo, a quem do coração invocava. O pae que tantas vezes salvára os passageiros, saberia tambem acudir á Branquinha. Mas quanto lhe pareciam longos aquelles interminaveis momentos d'espera! Afinal, passado algum tempo, notou que alguem vinha subindo a rocha; era o irmão, mas vinha só!... O pae não estava em casa. E haviam de deixar alli a pobre da cabra?!... Não! S. Antonio, que fizera com que a encontrassem, havia tambem de ensinar modos de a salvar. E, com aquella fé de creança, que nenhuma duvida póde abalar, nenhuma desconfiança arrefecer, continuava sempre orando.

Até que por fim chegou o mais velho até junto do precipicio. O pae era com effeito ausente. Mas recordavam-se de que, um dia, o viram tirar com uma corda um viajante que cahira n'um fundo despenhadeiro; com esta ideia levara já o mais velho uma corda.

Aqui era o difficil e arriscado da empreza. A primeira operação foi um nó corredio que fizeram n'uma das pontas da corda, o mais lasso possivel.

— Segura-me pelos pés, disse para o irmão; mas, sobretudo, pede muito a S. Antonio.

Estendeu-se por terra apoiando a mão esquerda n'uma sinuosidade do rochedo, e, com a direita, fez correr a corda até os chifres da cabra. O pobre animal era como hypnotisado: não bulia mais do que se fôra de pedra. O nó apertou facilmente os dois paus do animal. Para melhor segurança, pucharam pela corda com muito geito até se assegurarem de que correra pelas pontas até adherir fortemente á cabeça da cabra.

— Agora, S. Antonio seja comnosco!

Para não serem arrastados do peso da cabra para o fundo do barranco, recuaram todo o espaço que lhes permittiu o comprimento da corda.

— Um... dois... tres... Pucha, pucha forte! Ai que peza tanto!... Pucha com mais força!... Lá vem, lá vem...

E puchavam ambos pela corda que ia diminuindo lentamente. Emfim distinguiram os dois cornos da cabra, apontando por cima das paredes da cova.

— Pucha com mais força, gritou o mais velho. Aqui agora é que é o mais difficil.

Appareceu por fim toda a cabeça do animal; mas, como vinha de lado, vergou-se toda para fóra, deixando o resto do corpo dentro do barranco.

— Ai que ella afoga-se, coitadinha!... Depressa, aviemo-nos!...

Os braços musculosos dos dois montanhezes empenhavam-se n'um supremo esforço. De improviso a cabra que, sem duvida, encontrara alguma saliencia da rocha em que apoiar-se, sacudiu vigorosamente a cabeça, como para livrar-se das prisões que a retinham, e fazendo-se forte nos pés de traz, saltou fóra da cova d'um pulo... Estava salva.

O mais pequeno dos irmãos correu para ella, de braços abertos, para abraçal-a, mas o outro deteve-o, dizendo:

— Antes de tudo, ajoelhemos. Na felicidade, como nos diz o pae, o primeiro momento pertence ao reconhecimento; depois virá o tempo de gosar da felicidade.

E S. Antonio ouviu mais um hymno de reconhecimento, que, em sua honra, brotou dos corações rudes, mas agradecidos, dos dois pastorinhos.

CULTO DE S. ANTONIO

PORTUGAL

Membros da Pia-União

No ultimo numero eram	73:417
Hoje contamos mais os seguintes:	
Patriarchado de Lisboa	137
Santa Engracia	39
Anjos	37
De varias partes	61
Archidiocese de Braga	578
Priscos	228
Navaes	52
Forjães	27
Chaves	44
De varias partes	227
Diocese do Porto	75
Porto	16
Santo Thyrso	27
Caldas de S. Jorge	32
De varias partes	287
Total dos associados	74:475

Recommendamos á piedade de nossos leitores todas as petições, que se encontram ante o altar de Santo Antonio, especialmente a saude de uma enferma que dará uma esmola para o pão dos pobres se recuperar o que tanto deseja.

Mencionamos entre outros como ardentes propagadores da *Pia-União* o Rev.mo Snr. Padre Antonio Rodrigues Soares (Lisboa) e o Rev.mo Snr. Abbade de Priscos.

*

Santo Antonio na igreja dos Terceiros

E' verdadeiramente admiravel o movimento antoniano n'esta já bem conhecida igreja. Ha pouco mais d'um anno foi alli fundada aquella tão bella instituição do *Pão dos pobres*, que a principio taxada de inutil para uma terra onde não faltavam já instituições, é hoje talvez a mais florescente.

Como commove essa multidão de desgraçados, que alli se apinham tão a miudo, para receber juntamente com o pão material o alimento espiritual! Santo Antonio a todos remedeia; sacia-os na fome, mata-lhes a sede, restitue-lhes a saude, depara-lhes as coisas perdidas; mas a par de tudo isto apresenta-lhes o Divino Mestre dizendo ao paralytico: «levanta-te, toma o teu leito, vae, mas não peques mais.» Quer que não pequem mais, e por isso antes de receber a esmola material, os provê de confessores zelosos, que os disponham devidamente para entrarem ao divino banquete, querendo tambem por esta cerimonia significar-lhes que não é só do pão material que vive o homem, mas tambem da palavra de Deus.

Santo Antonio prosiga sempre a proteger esta cidade de Braga que tão dedicada lhe é!

Assim o crêmos.

D'esta vez foram encontradas na Caixa do *Pão dos pobres* 102 cartas assim distribuidas: 15 a pedir saude, 30 a pedir graças temporaes, 5 a pedir graças espirituaes, 7 isenção do serviço militar, 31 a pedir diversas graças e 19 a render graças por favores obtidos. Transcrevemos algumas para edificação de nossos leitores.

I

PETIÇÕES

A pedir graças espirituaes

— Meu glorioso Santo Antonio. — Eu vos peço por amor de Jesus e Maria me deis uma vocação religiosa. Dar-vos-hei por este favor uma esmola para o pão dos pobres.

— Santo Antonio. — Peço-vos que intercedais por mim ao Senhor, me conceda os meios necessarios, para chegar a ser, como muito desejo, ministro seu. Se fôr ouvido n'esta supplica prometto enviar uma esmola para o pão dos pobres.

— Meu glorisoso Santo. — Venho pedir-vos de todo o meu coração, me alcanceis de Deus, que eu vá para um convento. Dou-vos uma esmolinha de 1$000 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

A pedir saude

— O' meu glorioso Santo. De todo o coração vos peço, me livreis d'esta terrivel doença. O' meu Santo bemdito, se me fizerdes este milagre até ao dia de vossa festa, dar-vos-hei annualmente 1$000 reis, para o pão dos vossos pobres.

— Milagroso Santo Antonio. Não sou digno de ajoelhar-me perante vós; porque sou grande peccador; mas tende compaixão de mim e sarai minha filha d'aquella doença, que tanto a molesta, que apenas ella acabe de soffrer, lá vos irá levar 2 alqueires de milho para os vossos pobresinhos.

A pedir isenção do serviço militar

— Santo Antonio. Quero de vós uma graça especialissima. Se m'a alcançardes, ganharão vossos pobres 2$000 reis, que darei por partes, porque tambem sou pobre. Olhai, meu Santo, quero ser livre do serviço militar.

— Milagroso Santo Antonio. Attrahido pelos milagres que tendes feito e animado da mais viva confiança no vosso patrocinio, recorro a vós para que impetreis de Deus fique meu filho livre na inspecção. Prometti-vos uma esmola para o pão dos pobres.

— Santo Antonio. Alcançai-me do Senhor que meu irmão fique livre e que tudo seja bem despachado, que vos porei a arder uma vella de 40 reis.

— Meu glorioso Santo Antonio. Se fizerdes que meu irmão seja livre de soldado eu vos prometto meu coração para que offerteis a Deus e tambem vos darei segundo minhas posses uma esmola para o pão de vossos pobres.

Loteria

— Santo Antonio. Se me alcançardes a graça de me sahir todo o dinheiro no bilhete que comprei, de sorte que possa pagar o que devo, vos prometto para o pão dos vossos pobresinhos a quantia de 8$000 reis e mandarei dizer tambem 3 missas pelas almas.

II

GRAÇAS OBTIDAS

— Perdeu-se um livro de grande importancia, era de absoluta necessidade mostrar o livro, procurou-se o mais possivel e nunca se achou.

Um Sacerdote devotissimo de Santo Antonio, dirigiu-se-lhe com intima confiança, prometteu dizer missa pelas almas dos devotos do Santo.

O prodigio não se fez esperar; talvez 2 horas não fossem decorridas quando appareceu o livro n'um logar, onde já se tinha procurado. Tudo isto se passou de manhã cedo, de sorte que n'esse mesmo dia o dito Sacerdote cumpriu sua promessa.

— Meu querido Santo. Prodigio enorme foi este que fizestes. Conservastes aquella casa religiosa, que sabeis, em virtude da promessa que vos fiz de celebrar vossa festa todos os annos na egreja respectiva. Já este anno o cumpri. Vós não ereis festejado n'este Santuario. A' vossa custa ganhastes festa annual. Sirva de estimulo; o nosso Santo tem todo o direito a ser honrado e solemnemente festejado em toda a parte.

— Meu querido Santo. Venho agradecer-vos a grande graça que me fizestes do bom regresso de meu pae. Quanto vos devo querido protector! Espero que acompanhareis sempre meu pae em todas as viagens e que o livrareis de perigos.

— Meu querido Santo. Eu vos agradeço muito. Vi-me em tanta afflicção e vós me valestes. Offereço-vos uma pequenina esmola, que vos prometti para os vossos pobres, é apenas de 400 reis. Valeime sempre e salvai a minha alma.

— Querido Santo. Em tão grandes difficuldades me vi por falta de dinheiro, que não sabia como sahir d'ellas. Recorri a vós e logo me ouvistes. Ahi tendes a esmola que vos prometti.

— Agradeço-vos, bom Santo, haverdes-me enviado de saude meu pae, concedendo-lhe uma feliz viagem. Acompanhai-o sempre. Como vos prometti ahi vos envio 50 reis. E' pouco mas não me é possivel dar mais.

— Santo Antonio. Eu vos agradeço reconhecido a graça que me fizestes e que tanto desejava. Prometti assignar a vossa folha, *Voz de S. Antonio*, se acaso me ouvisseis. Em cumprimento de meu voto já hoje mando meu nome e quantia necessaria para ficar sendo assignante. O que eu desejo é que isto sirva de estimulo a quem ler esta carta, de sorte que a par das graças obtidas cresça o numero dos assignantes da *Voz*.

— Meu querido Santinho. Agradeço-vos os beneficios que me tendes feito em todos os negocios e vos dou 5$000 reis, que vos prometti, collocando juntamente todos os mais negocios sob vossa protecção.

— Maria Emilia da Cunha envia a Santo Antonio para o pão dos pobres a quantia de 3$300 reis em agradecimento d'uma graça recebida.

— Maria d'Assumpção atormentadada com grandes dores de cuja cura já os medicos não davam esperança, prometteu 1$000 reis para o pão dos pobres e dentro em poucos dias recuperou saude.

— Milagroso Padre Santo Antonio. Venho trazer 1$000 reis que vos prometti para vossos pobresinhos se eu fizesse feliz viagem na ida e volta do Brazil. Muito vos agradeço e vos peço que rogueis a Deus por minhas necessidades, tanto temporaes como espirituaes.

— Glorioso Santo Antonio. Reconhecido venho agradecer-vos o milagre que me fizestes. Prometti 2$500 reis para o pão de vossos pobresinhos, uma novena de communhões durante 9 terças-feiras seguidas e visitar vossa imagem na Ordem a que pertencestes tambem durante 9 terças-feiras, e o mesmo foi eu cumprir a promessa que alcançar a favor que eu não esperava pelas difficuldades que havia.

— Meu querido Santo, agradeço-vos todos os beneficios que nos tendes feito e vos dou todas as esmolinhas que vos prometti. Tomae conta de nós para sempre.

Rendimento do Pão dos pobres em Braga

Na primeira quinzena foi o rendimento de 107$130 reis, um annel, um par de botões com pedras e 4$500 reis em ouro.

Na segunda foi de 105$050 reis e um annel de 600 reis.

*

Santo Antonio no Sanctuario de Porto d'Ave

— Ainda hontem, se assim me posso exprimir, alli fixada a caixa do *Pão dos pobres*, por um religioso franciscano do Convento de S. Boaventura, tem produzido os mais lisonjeiros resultados. Todos alli sentem para com Santo Antonio uma attracção e uma sympathia inexplicaveis, o que bem se tira do numero de cartas e da quantia que rendeu a caixa, sendo que da pequenez da terra não era de esperar tanto. E' que Santo Antonio tem attractivos contra os quaes não vale resistencia. Captivos das caricias de tão meigo Santo, correm a saciar sua devoção o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o nobre e o plebeu e de joelhos todos lhe abrem suas necessidades; o estudante recommenda-lhe o bom exito de seu exame, o pae de familias consagra-lhe sua casa, o negociante roga-lhe se digne associar-se a elle, o orphão o adopte por seu filho, n'uma palavra todos n'elle encontram antidoto contra um sem numero de males, que a sciencia não sabe remediar.

As cartas encontradas na caixa do *Pão dos pobres* n'este Sanctuario de N. Senhora do Porto d'Ave, foram 64, umas a pedir diversas graças, outras a agradecer beneficios recebidos.

Transcrevemos algumas:

A pedir saude. — Glorioso Santo Antonio. Dou-vos 500 reis para o pão dos pobres se fazerdes a graça de livrar aquella pessoa do mal que tem nos joelhos. Espero de vós este milagre.

— Meu glorioso Santo, peço-vos a graça de sarardes meu homem do mal que tem na cabeça. Dou-vos se isto me fizerdes, 4$500 reis para o pão dos vossos pobres e todos os annos vos darei para o mesmo fim 500 reis.

Diversas petições. — Glorioso Santo. Se me concederdes a graça de entrar n'uma Ordem religiosa, seja qual fôr, o mais breve possivel, offereço-vos 500 reis para vossos pobresinhos.

— Santo Antonio. Pelo amor do Menino Jesus e de Maria Santissima vos supplico livreis meu filho do serviço militar, quer seja na inspecção, quer na sorte. Dar-vos-hei em signal do meu reconhecimento 500 reis e tambem farei uma novena onde eu puder sem deixar jámais de ser vosso devoto.

— Meu Santo Protector. Tenho eu um filho no Brazil de quem não tenho recebido carta ha já bastante tempo, e andando sobresaltada, receosa que lhe tenha succedido algum perigo imploro vossa protecção para que em breve eu receba carta d'elle. A recompensa d'este favor serão 500 reis destinados ao pão dos pobres.

— Se me fazeis, Glorioso Santo, o milagre que vos peço, dou-vos 1$200 reis para o pão dos pobres.

Graças obtidas. — Meu grande Santo Antonio. — Agradeço vos o milagre que me fizestes de entrar n'uma casa religiosa, coisa

que sempre tanto desejei e nunca me havia sido possivel conseguir; porque as difficuldades eram muitas. Recebei 500 reis para os vossos pobres.

— Querido Santo. Humilhada na vossa presença, agradeço-vos a mercê que me fizestes, permittindo que meu sobrinho ficasse bem no seu exame. E' mais que certo que quem a vós recorre não pode ser desemparado. Em prova do meu reconhecimento ahi vos remetto 100 reis para os vossos pobres.

Rendimento do Pão dos pobres no dito Sanctuario do Porto d'Ave

No mez d'agosto o rendimento foi de 13$000 reis, no de setembro de 13$855 reis.

*

Recebemos a seguinte carta que com o maior prazer publicamos, agradecendo ao seu auctor, — um illustrado sacerdote — a distincta amabilidade com que nos quiz honrar.

Snr. Director:

Agueda 28—9—96.

No seu ultimo numero da *Voz* do mez d'agosto, que só agora me chegou, vejo uma local extrahida d'um jornal d'aqui ácerca d'um dinheiro perdido, o qual, sendo responsado, logo appareceu por intercessão de Santo Antonio. Este facto não é singular; acontecem por aqui outros a cada passo, tão grande é o valimento do prodigioso Santo Antonio. Mas o mais recente é o seguinte:

Um cavalheiro d'esta, villa, o ex.^{mo} snr. dr. Jayme, grando caçador (presidente do *Club de Caçadores* do Porto) tinha um cão perdigueiro de grande estima. Este, um bello dia, desappareceu-lhe e o nosso amigo ficou muito contrariado, como era natural.

Depois de percorrer, por longo espaço de tempo, todo o concelho á procura do animal, e de ter offerecido, por meio d'editaes, grandes sommas de dinheiro a quem lhe descubrisse o cão, tudo tinha ficado inutil. Até que o nosso amigo se resolveu, por conselho d'alguem, a mandar responsar o cão. O dr. Jayme assim fez, e talvez elle mesmo o responsou tambem.

Qual não foi o seu espanto ao vêr, passadas poucas horas o cão entrar-lhe pela porta dentro, dando pulos de contente, lambendo as mãos ao dono e dando outras provas de meiguice e sympatia?...

Este facto é attestado pelos cavalheiros mais grados do concelho e por este seu constante leitor.

J. C.

*

Juventude Antoniana. — No numero passado fallamos largamente d'esta nova milicia fundada ha pouco em Braga sob os auspicios do grande Thaumaturgo portuguez. Hoje podemos communicar aos nossos leitores a grata noticia da sua primeira sessão no dia 4 d'outubro corrente, sob a honrosa presidencia de s. ex.^{a} rev.^{ma} o snr. Bispo de Himeria.

Deixaremos fallar o nosso presado collega, o *Commercio do Minho*, cujas palavras, com a devida venia, passamos a transcrever:

«Effectuou-se domingo, ás 3 horas da tarde, na sala do Definitorio da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta cidade a inauguração solemne das sessões instructivas aos jovens associados.

«Presidiu ao acto s. ex.^{a} rev.^{ma} o snr. D. Antonio José de Sousa Barroso, illustre bispo de Himeria, prelado de Moçambique.

«O digno successor dos Apostolos fez um eloquente e unctuoso discurso de abertura.

«Felicitou os jovens fundadores da Associação Antoniana pela realisação de tão proveitosa ideia.

«Disse que os tempos eram de lucta, e que assim como os maus se unem para o mal, assim era necessario que os bons se unissem para o bem.

. . . . . .

«Apresentou como modelo aos jovens o grande Santo portuguez, Santo Antonio, patrono da Associação da Juventude, e S. Francisco d'Assis cuja festa se celebrava n'aquelle dia.

«Acabou por chamar as luzes do Espirito Santo, d'esse espirito que vivifica, sobre os jovens associados, a fim de que a nascente aggremiação produza opimos fructos para gloria de Deus e proveito da nossa tão querida patria.

«Ao terminar, o zelosissimo prelado foi saudado com uma salva de palmas.

«Fez em seguida uso da palavra o reverendo frei Manuel das Cinco Chagas, o eloquente e verboso orador tão conhecido dos auditorios catholicos.

«O talentoso frade demonstrou como na cruz se encontrava a salvação — *in cruce salus*.

«A proposito da Cruz que os jovens associados traziam pendente do peito, do lado do coração, deduziu o eloquente franciscano patheticos conceitos, dizendo que aquelle objecto não era um simples adorno, como um broche no peito d'uma senhora ou a corrente do relogio no collete dos cavalheiros, mas sim um emblema que, por estar collocado junto do coração, de alguma fórma se identificava com elle e symbolisava o desejo de salvação pela cruz de Nosso Senhor.»

Continua ainda a illustre folha bracarense fazendo um longo extracto do discurso; depois conclue, dizendo:

«E'-nos impossivel dar mais detalhados pormenores dos dois magnificos discursos, já por deficiencia de memoria já por falta de espaço.

«Apenas diremos, em resumo que foram dois discursos magistraes, dignos das altas capacidades intellectuaes de seus auctores.

«O rev. frei Manoel das Chagas foi coroado tambem com uma salva de palmas.

«Assim concluiu esta sessão inaugural, a que assistiram muitos jovens associados, bastantes convidados e algumas senhoras e populares, attrahidos pela noticia, espalhada á ultima hora, dos dois notaveis oradores.

«A' chegada e á partida do dignissimo prelado a banda da Officina de S. José, postada no portão lateral dos Terceiros, executou o hymno nacional.»

. . . . . .

*

D'uma correspondencia de *S. Martinho do Porto* para a *Nação*, transcrevemos o seguinte:

Santo Antonio

«No alto d'uma das maiores collinas que rodeiam S. Martinho, ergue-se, pithoresca e bella na sua simplicidade, uma pequena ermidita; invocação piedosa dos rudes pescadores a Santo Antonio. E' alli que, em dias de tempestade, quando o mar se ergue proceloso, ameaçando a cada momento tragar aquelles que, despresando as furias do gigante, lhe vão arrancar do seio o sustento da familia, o pão dos filhos; é alli o theatro onde se representam bem tristes espectaculos. Nos dias de temporal, quando as ondas se levantam magestosas e terriveis, esta pequena ermida é visitada pelas mulheres d'esses batalhadores da vida, cuja historia é uma obscura epopêa. Que de augustiosos momentos, que de esperanças logo desfeitas, para immediatamente se tornarem a fazer!

«Ellas de rastos, labios convulsos, olhos arrazados de lagrimas, corações batendo violentamente, ora pelo terror, ora pela esperança, vão deixar alli essas preces repassadas pelos mais eloquentes rasgos d'amor.

«Elles, com uma das mãos convulsas na escota, outra no leme, ora desapparecendo no mais profundo vale para logo se erguerem ao cimo d'uma altissima montanha, contemplam tristemente a pequena ermida onde se desenham a pouco e pouco, mais distinctamente, os vultos das mulheres, que a mais pequena manobra mal feita póde tornar viuvas!

«Santo Antonio decerto ouve essas preces, pois, desde que se construiu a ermidita, ainda se não deu uma d'essas desgraças tão terriveis e frequentes no norte de Paiz. O Santo leva até a sua condescendencia a escutar as rezas não menos eloquentes d'algumas das nossas gentis banhistas, e devemos confessar que os resultados honram o santo.»

* * *

BRAZIL

Na grande republica sul-americana, a que nos prendem tão estreitos laços d'amizade e sangue, já resoou tambem o echo das grandes maravilhas que S. Antonio tem praticado no velho mundo, e que alli se vão repetindo já ha mais d'um anno. Referimo-nos á obra providencial do Pão de S. Antonio. Recebemos com effeito o relatorio d'esta benefica instituição na cidade de Porto Alegre. E' simplesmente admiravel e surprehendente o que n'elle nos diz o seu auctor, o zeloso cura da Cathedral, snr. Conego José Marcellino de Souza Bettencourt.

Agradecendo muito penhorados a gentileza da offerta, pedimos licença para transcrever algumas palavras, que decerto edificarão os nossos leitores.

Eis o que nos diz o snr. Conego Bettencourt:

«Foi a 15 d'agosto do anno proximo passado, levado pelo poderoso incentivo—*A Voz de Santo Antonio*—... que fundei aquella «obra, tendo já inscriptas dezoito familias pobres, sem receita alguma «a contar... A semente foi lançada humildemente em campo fertilisado pelo divino incremento, e jámais faltou com que comprar pão «e deixou de haver saldo!... e isto sem reclame, sem grandes esforços, sem querer um vintem que não fosse expontaneo e de boa «vontade, para não ser mystificada a fecunda caridade; e por isso «bem a denominou o nosso grande e admirado Orador, Padre Dr. «Julio Maria, em sua ultima conferencia:—a humilde violeta, que se «occulta n'esta cathedral, espalhando seu delicioso perfume!—»

Mais abaixo diz tambem o snr. Conego Bettencourt:

«A obra tem-se desenvolvido satisfactoriamente, e já conta 79 «familias inscriptas, distribuindo desde 12 de janeiro do corrente «anno o pão nas segundas e quintas-feiras de cada semana.

. . . . . .

«Desde o 1.º de junho que distribuiu 100 pães, sendo já «obrigado a passar a 110, e com tendencia a augmentar.

«De hoje em diante (15 d'agosto de 1896) passa a ser distribuido 3 vezes na semana.

«... Além do pão são distribuidas esmolas em dinheiro e «roupa, em commum e em particular. Diversas pessoas, em dias de «communhão, têm distribuido esmolas aos pobres, levadas pela edificação e commoção do acto.

«Está addicionada a essa obra uma outra utilissima — a Roupparia dos pobres — para a qual têm concorrido as familias com «roupas e outros misteres usados; comprando tambem fazendas por «conta do cofre, para se fazerem vestidos, encarregando-se de os «promptificar a zelosa Protectora da Obra, D. Mancia Ferreira da «Silva. Têm-se distribuido 335 peças de roupas servidas d'ambos os «sexos, e 66 novas, resultado de 4 grandes peças de chita e 2 de «pellucia, compradas com abatimento por 98$000 reis.

«Uma associada do Sagrado Coração offereceu 10 camisas no«vas de Oxford para homens, feitas expressamente por suas carido«sas mãos.»

Apresenta em seguida a conta da receita geral e despeza até 15 d'agosto: Desde a fundação (15 d'agosto de 95) até 31 de dezembro passado a receita foi de 95$000 reis, e a despeza de 70$160, ficando para o corrente anno o saldo de 24$840, tudo moeda fraca. Distribuiram-se 31$320 reis em dinheiro e 582 pães, afóra 400 outros independentes da receita acima.

N'este anno subiu já a receita a 1:026$620, e a despeza a 734$240, ficando o saldo de 292$380. Distribuiram-se 245$700 reis em dinheiro e 5:522 pães.

Teem-se recebido donativos no valor de 10, 20, 40, até 60$000 reis! Estão inscriptas 36 pessoas que contribuem mensalmente com donativos de 500 até 5$000 reis.

Celebraram-se tres solemnes communhões a que se assentaram 165 «pobres, cegos, aleijados «decrepitos, valetudinarios e orphãos».

Como tudo isto é eloquente! Os nossos mais sinceros parabens ao snr. conego Bittencourt, por vêr coroados seus esforços com resultados tão surprehendentes! Honra tambem aos catholicos de Porto Alegre que tão bem comprehenderam o convite de seu zeloso Pastor!

*

Tambem na republica brazileira, foi a Obra de S. Antonio na cidade de Ouro Preto, no Hospicio de Jerusalem (Minas) pelo muito piedoso e exemplar Rev.º Padre Pedro d'Arbues Chagas Conceição a 31 de maio do corrente anno, havendo Trezena, missa com canticos, muitas communhões e benção d'uma formosa imagem do miraculoso Santo, d'um metro e 20 centimetros d'altura.

O mesmo snr. conego Bittencourt, que nos dá tambem esta noticia no seu relatorio, conclue dizendo que é grande o alvoroço que vae na alma do illustre sacerdote, por tão auspiciosa fundação, que já distribue cento e tantos mil réis em esmolas mensaes.

Fazemos ardentes votos pela prosperidade e engrandecimento da Obra.

ECHO DAS MISSÕES

Europa. — Collegio Catholico. — Esmolas da Santa Infancia. — *Africa.* — Missionarios. — Semana errada. — *Asia.* — Caridade engenhosa. — Importante conversão. — Missões destruidas. — *America.* — Equador. — Missão de Tarairi. — Missionario fallecido. — *Oceania.* — Franciscanos. — Agostinhos.

EUROPA

Collegio Catholico. — O duque de Norfolk comprou por 13:000 libras esterlinas um terreno em Oxford para a fabrica d'um collegio catholico, onde possam habitar os jovens que frequentam a Universidade. — O collegio será dirigido pelos Padres Jesuitas. O Santo Padre a quem foi apresentada uma petição dos catholicos inglezes pedindo authorisação para frequentarem a Universidade, concedeu-a.

Esmolas da Santa Infancia. — O relatorio d'esta obra providencial e christã, dá-nos conta das esmolas distribuidas pelas diversas missões, as quaes attingiram a cifra de 577:790$975 reis, somma que em si considerada é verdadeiramente avultada, mas se com ella cotejarmos as necessidades a soccorrer, as miserias a remediar, quasi que desapparece e não chega quasi a nada. São tantas as crianças a resgatar, tantos os asylos, as escolas, os orphanotrophios e outros estabelecimentos a sustentar, que todas as esmolas são poucas.

ASIA

Caridade engenhosa. — São verdadeiramente engenhosas as traças de que se valem as Irmãs de S. Paulo, que evangelisam

Hakodaté, no Japão, para salvarem as almas dos meninos que agonisam sem baptismo. A provincial das mesmas Irmãs escreve uma interessante carta publicada nos *Annaes da Santa Infancia* que bem mostra o que affirmamos. Diz ella: «E' uma maravilha ver de que maneira a mão de Deus assegura a salvação dos meninos! — Ora é por um velho, cujo estado é desesperado e cuja alma está arreigada ao paganismo, que a pobre Irmã fez uma longa caminhada; mas emquanto ella se esfalfa em vãos esforços para esclarecer o pagão obstinado na sua cegueira, eis que se lhe depara á vista uma pobre creancinha, que mal respira. «Oh! que é isto? Um menino enfermo? — Assim é, mas aqui não ha nada a faser, tudo é baldado, está perdido! — Está muito doente com effeito, diz a Irmã; comtudo tenho um remedio que talvez lhe faça bem; applica-se unicamente na cabeça. Se quizer que se experimente? — Oh! sim, faça-me esse favor.» — E a criancinha é baptisada; é mais um anjo. — Ora a pobre Irmã, seguida por uma multidão de garotos que a insultam e lhe atiram com pedras, percorre ruas e beccos á procura d'uma morada mal indicada. E' impossivel encontrar o doente de que lhe fallaram. E é um menino segundo lhe disseram. Se elle morrer antes da sua chegada!... Então voltando-se para a sua turbulenta escolta: «Digam-me, meus amigos, não sabem d'alguma criança doente n'este bairro? — Deram-me o nome e a morada, mas não a posso encontrar.» Ouvindo esta inesperada pergunta, a pequena multidão fica surprehendida: *Seyo no Isha!* (E' o medico europeu!) E como para faser esquecer seu procedimento, cada qual trata de procurar na sua memoria qual será a menino doente. — «Ah! diz um, em tal casa ha um menino doente, talvez seja esse. — Vamos ver — E' aqui que está um menino doente para o qual me foram chamar? — Ha qui um menino doente, mas ninguem a foi chamar.» Entretanto fitam a Irmã com mais ou menos desconfiança, o que a não impede de penetrar um pouco na casa... «Ah! o seu doentinho é aquelle? Que tem elle?» Explicações d'um lado, observações d'outro; depois novas perguntas e novas explicações. Não resta a menor duvida, o menino vae morrer! Oh! pobre menino, como soffre! Tenho alli um remedio que se applica á cabeça e que allivia muito; se querem posso applicar-lhe um pouco? Não exijo que m'o paguem, é unicamente porque o pobre menino faz-me dó. — Como se ha de recusar uma tal proposta?... Mais um baptismo e portanto mais um anjo para o ceu. — Durante este tempo os rapazes esperam á porta pela Irmã. «Não é aqui, meus amiguinhos, diz ella saindo.» — Novas pesquizas, nova descoberta, novo baptismo.» E por vezes o menino procurado, fica sem baptismo, por não precisar ainda.

«Um dia, continua a provincial, uma das nossas Irmãs-Baptisantes foi detida por um rapasinho de 3 a 4 annos. — «Acompanhe-me, lhe disse elle, o meu irmãosinho está muito doente.» A Irmã segue aquelle mensageirosinho da Providencia. Mal chega ao limiar da casa, que elle lhe indica: «Desculpe-me, diz ella, o seu filho acaba de me pedir para vir ver o seu irmãosinho doente: é que talvez o mandassem chamar-me? Nada, nós não; mas para que foi elle, o pequeno está tolo!» respondem os paes visivelmente contrariados. — A Irmã vê a criancinha já com o estertor, quer salvar-lhe a alma custe o que custar, embora haja de infringir um tanto as regras da discrição.

A Irmã atreve-se pois. «Teem alli um doentinho, dão-me licença que o veja?» Uma recusa seria de tal modo contraria á civilidade japoneza, que aquella gente de boa ou má vontade, viu-se na necessidade de dar passagem. Depois de minucioso exame e de muitas exclamações, as mais sympathicas, para captivar aquelle casal que não dizia nem palavra, a Irmã chega a offerecer o seu precioso medicamento; a mãe acceita com hesitação; o pae faz ouvir uma especie de grunhido. A Irmã pega pois no seu frasco e deita a agua sobre a cabeça do pequeno moribundo. N'aquelle momento, um grito lugubre, inhumano, que se não póde definir, faz-se ouvir. Mas d'onde saiu elle? Difficil seria dizel-o. Será da cama do pequeno moribundo? A Irmã, gelada de horror, levanta os olhos. O pae, cuja expressão de raiva diabolica lhe contrahe as linhas do rosto fixa n'ella olhares enfurecidos. — Então a pobre religiosa aterrorisada foge apressadamente. — D'onde partia aquelle grito extranho? Porque seria aquella colera tão visivel? — Uma unica cousa explicará tudo: aquelle menino tinha sido dado ao demonio por seu pae fervoroso pagão. Satanaz, vendo que lhe tiravam a presa no momento em que ia possuil-a definitivamente, deu um grito de raiva que o pae comprehendeu.»

— Muitos mais são os estratagemas usados pelas caridosas Irmãs para levar almas para o ceu e de que faz menção a carta da provincial das mesmas.

Se não fosse tão extensa aqui a poriamos completa, para melhor se aquilatar o zelo com que trabalham no campo do Senhor.

Importante conversão d'um arcebispo schismatico. — O padre Barnier, jesuita, em uma carta publicada nas *Missions Catholiques*, dá-nos a boa nova da conversão ao catholicismo de Mons. Gregorio Abdallah, Arcebispo syriaco jacobita de Diarbekir e candidato á séde patriarchal. Era elle um dos homens mais eminentes que havia no schisma por isso sua conversão foi de summa alegria para os catholicos e de grande sentimento para os schismaticos que de todos os meios se teem valido para o fazer voltar ao caminho errado. Sua conversão porém é firme e soffre com paciencia e doçura todas as contrariedades de seus antigos amigos, convertidos hoje em encarniçados inimigos. Ha fundadas esperanças de que o proceder d'este arraste muitas almas ao catholicismo. Seus inimigos que isto temem não escrupulisam nos meios de o tornar suspeito ao governo a fim de o desterrar para longe de seus muitos conhecidos e admiradores.

Missões destruidas. — Informações recebidas do Japão dão a triste noticia de disturbios na provincia de Chang-Tong na China, sendo atacadas muitas igrejas catholicas por sectarios inscriptos nas sociedades secretas.

AFRICA

Missionarios. — Partiram já para as nossas possessões da Africa occidental 10 padres da Congregação do Espirito Santo como noticiamos no ultimo numero; eram 4 sacerdotes e 6 Irmãos.

Semana errada. — Nos vastos territorios das missões catholicas é impossivel que o missionario visite regularmente e a miude as christandades que lhe são confiadas. Só os Padres do Espirito Santo cuidam nas diversas missões a elles sujeitas de christianisar povos cujos territorios são muitas dezenas de vezes maiores do que Portugal. N'estas missões um bispo tem á sua conta territorios mais vastos do que 10 vezes o do nosso reino. Por isso os missionarios evangelisam aquem e além alguns infieis que logo teem de deixar para occorrer a necessidades maiores. Foi a alguns d'estes christãos que Mons. Le Roy encontrou e que não tinham visto o missionario havia *12 annos*. Todavia estes pretinhos haviam cumprido sempre seus exercicios religiosos e para se não enganarem nos dias da semana e saberem quando era domingo para resar e não trabalhar, tinham feito sete furos n'uma taboa onde espetavam um graveto conforme os dias da semana. Tinha-se porém dado um erro na mudança e os nossos bons christãos marcavam o setimo dia á sexta-feira. O calendario foi depois reformado pelo missionario.

— Que bello exemplo de espirito religioso para muitos christãos dos paizes civilisados da velha Europa e de Portugal!

AMERICA

Equador. — Os RR. Padres salesianos converteram e baptisaram o summo sacerdote dos Jibaros de Guabaquisa de idade de 110 annos. Era este pobre velho muito amigo dos missionarios; havia ultimamente enfermado gravemente e mandou chamar o missionario para que o curasse, este depois de lhe aplicar alguns remedios, desenganou-o dizendo-lhe que poucos dias lhe restavam de vida, que se preparasse pois para o baptismo. Poucos dias depois era de novo chamado o missionario para administrar o santo baptismo ao velho selvagem que voluntariamente o pedia, renunciando então definitivamente ao culto dos seus idolos. — Foi immensa a consolação e alegria que experimentaram os bons dos religiosos ao metterem esta alma no ceu.

Missão de Tarairi. — Um religioso franciscano que actualmente trabalha n'esta missão expõe n'uma carta os males innumeraveis que os emissarios da maçonaria semeiam entre os pobres indios da missão e as barreiras que erguem ao exercicio do sagrado ministerio da evangelisação christã. Elles, os inimigos jurados de Deus e do bem, ensinam theorica e practicamente a immoralidade mais repellente que imaginar se possa, e com ella toda a insubordinação todo o poder divino e humano. E o missionario vê muitas vezes os seus esforços e fadigas coroados com a mais grosseira ingratidão, sem ter a consolação de levar ao ceu as almas que tanto ama e por cuja salvação passou a bella e formosa juventude entre os espessos e impenetraveis bosques, até que uma velhice prematura, ou alguns dos mil incidentes da vida apostolica, o levem á sepultura.

N'esta missão tem os zelosos religiosos franciscanos escolas e oficinas onde os pobres selvagens são instruidos nas sciencias e ar-

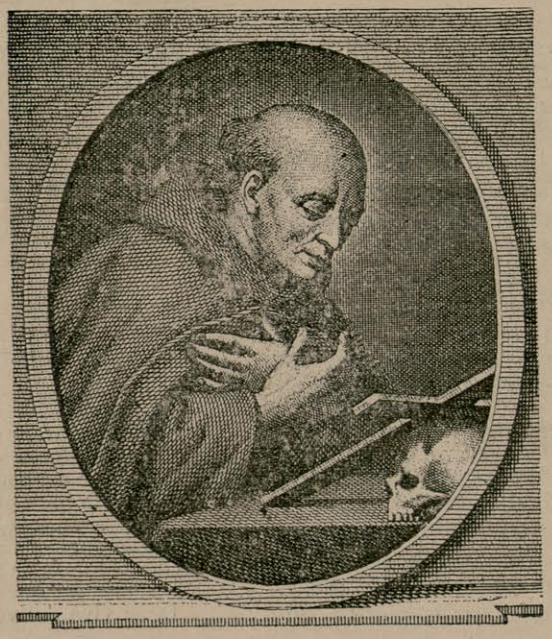
tes e donde mais tarde sahem a formar familias genuinamente christãs. O inimigo porém não descança e por meio de seus apostolos procura inocular no coração de todos os indios o aferro ás supersticiosas practicas de seus paes e o odio contra a nossa religião santa.

E' por isso mui difficil que os indios convertidos perseverem ou que os infieis se convertam.

E' tamanha a superstição e tão viciada a educação d'estes povos que um personagem entre elles chegou a affirmar a seus parentes, amigos e conhecidos que se o adorassem e lhe fizessem preparar para comida — que horror! — a carne de meninas virgens faria desapparecer a variola, que era a inimiga do seu povo.

Refere o mesmo missionario que um neophito dos mais antigos da missão e mui estimado de todos por suas boas qualidades, cahiu um dia gravemente doente e não havia remedio que lhe restituisse a saude. Foi sacramentado e quando depois lhe apresentaram um Menino Jesus, elle encantado exclamou: *Tu me has de sarar.* E d'ahi em diante começou a melhorar. Mais tarde, por falta de cuidado, recahiu para não mais se levantar. Avivaram-se-lhe então todas as superstições de sua infancia e o triste morreu gritando: *vingança, vingança e não perdão.* E ordenou a seus filhos que depois de sua morte lhe abrissem o corpo até darem com a bruxaria; o que os filhos cumpriram abrindo o cadaver em duas partes. — E são estas praticas e outras mais hediondas que a maçonaria procura fomentar e desenvolver entre os pobres indios!...

Missionario fallecido — No Rio de Janeiro finou-se o commissario geral dos Capuchinhos, Fr. Fidelis d'Avola, religioso muito respeitado e estimado por suas virtudes. «Foi, diz o *Apostolo*, um dos missionarios que mais serviços tem prestado ao Brazil que estremecia, como sua patria.» — Havia servido na guerra do Paraguai conquistando as sympathias do exercito brazileiro pela sua caridade e dedicação nos hospitaes. E em recompensa d'esses serviços fôra nomeado capellão-mór do exercito e morreu com as honras de general de brigada, grau a que antes havia sido elevado.— Seu enterro foi muito concorrido e ao officio funebre assistiu o Arcebispo.



Beato Theophilo de Corte

OCEANIA

Franciscanos. — Os religiosos franciscanos alcantarinos que se empregam no desempenho de seu santo ministerio apostolico nas Philippinas, são 481, derramados por onze provincias do archipelago, com 17 missões e 149 parochias.

Durante o corrente anno já ministraram o sacramento do baptismo a 51:305 meninos, o do matrimonio a 10:579 pessoas e deram ecclesiastica sepultura a 44:464 cadaveres.

E' incansavel o zelo dos bons religiosos em promover o bem da religião e da patria.

Agostinhos. — Noticias das Philippinas annunciam que foram muitos os religiosos agostinhos, que os revoltosos trucidaram em Puerto Cavite, onde commetteram muitas outras selvagerias.

Já para lá partiram mais 22 missionarios da mesma Ordem a occupar o posto que seus irmãos deixaram em troca da vida eterna.

Que grande abnegação, que ardente patriotismo o dos missionarios catholicos!

Secção Scientifico-litteraria

A POLITICA DEBAIXO DO PONTO DE VISTA SOCIAL

(*Continuação*)

IV

O ideal democratico

EXIGINDO o funccionamento do regimen democratico, como vimos anteriormente, um grau de perfeição social assaz elevado, pergunta-se se os auspiciosos resultados que d'elle se esperam não são antes o effeito d'essa mesma perfeição e não da forma das instituições que lhe correspondem. Será verdade, por exemplo, que o regimen democratico não pode produzir os seus bons fructos senão debaixo da forma republicana?

Observe-se, em primeiro logar, que qualquer que seja a forma d'um mecanismo politico, não ha nenhum que torne impossivel a violação do direito e da justiça. E' para desejar, por exemplo que nenhum homem esteja sujeito a outro homem, que nenhuma classe seja inhibida de defender os seus direitos e interesses, na ordem politica, como na ordem economica. Mas, ainda mesmo que o povo estivesse investido do direito de se defender e governar, os abusos do poder, bem como os perigos do absolutismo não ficariam por isso, exconjurados. Porque, diz José de Maistre, «toda a forma de soberania é absoluta por natureza; pouco importa que ella seja a corôa de uma ou muitas cabeças, que se dirivem e organisem os poderes como se quizer, haverá sempre, em ultima analyse, um poder absoluto, que poderá fazer o mal impunemente, e que, debaixo d'este ponto de vista, é despotico, no rigor da expressão, contra o qual não ha outra arma senão a insurreição.»

Do mesmo modo, Fustel de Boulanges affirma que: «seja qual fôr a forma de governo: monarchia, aristocracia, democracia, haverá dias em que é a razão que governa, outros em que é a paixão que domina. Nenhuma constituição poude nunca supprimir os vicios da natureza humana. Quanto mais minuciosas são as regras tanto mais evidente apparece que a direcção da sociedade é difficil e cheia de perigos.»

Note-se tambem que o *desideratum,* a que se quer chegar pelo regimen democratico, não é exclusivo d'esta fórma de governo. Elevar ao poder supremo aquelle que fôr mais digno de o exercer, organisar todas as instituições de tal sorte que concorram o melhor possivel para o bem commum, assegurae a todos egual protecção de seus direitos: tal é o fim a que pretendem chegar todas as constituições politicas legitimas. Não differem entre si senão pela escolha dos meios que lhes parecem preferiveis.

O regimen aristocratico, por exemplo, propõe-se, como o seu proprio nome indica, reservar para os mais dignos as funcções publicas; o regimen monarchico opina que o poder deve pertencer ao melhor entre os melhores; um e outro creem que a herança é o meio mais apto de reconhecer a capacidade de governar; a democracia pelo contrario julga a eleição o meio mais infallivel.

Julgando friamente as coisas, reconhece-se que nem a eleição nem a herança são criterios infalliveis.

Na edade media, na cerimonia da sagração dos reis, o *nascimento* designava o homem presumido como mais digno de reinar; o *juramento* de defender os direitos da Egreja e do povo era a garantia da sua capacidade; a *acclamação* popular indicava o reconhecimento d'esta capacidade.

A lei da herança póde ter defeitos, como a opinião popular póde ser irronea; n'uma parte e n'outra póde acontecer que o poder supremo caia em mãos indignas. Procura-se unicamente saber de que lado ha maiores vantagens para evitar o erro, e seria illusão julgar que um ou outro d'estes systemas o torna impossivel.

Quanto á ideia d'autonomia popular, ella não parece incompativel com as instituições aristocraticas e monarchicas hereditarias, se entendermos por aristocracia o governo do povo pelo povo *organisado.* Dizer *organisado,* é o mesmo que dizer *distribuição* segundo a competencia e merito de cada um.

Attribuir á massa dos individuos direitos eguaes e universaes seria cahir no erro do regimen inorganico de que ha exemplos, e que não tem nada de commum com a democracia ideal. O que impede grande numero de bons espiritos de adherir ao movimento democratico é a ideia falsa que formam d'elle. Confundem *democracia* e *demagogia.* Parecelhes que se quer attribuir á multidão não sei que competencia universal, que auctoridade directa sobre o andamento dos negocios publicos. Este imperio, ou melhor, esta tyrannia da multidão é a *demagogia.*

Organisar o povo é, pelo contrario, classificar os elementos de que elle se compõe, segundo a *natureza* e *extensão* dos seus direitos respectivos, de maneira a conferir a cada um o *maximum* de direitos de que é capaz, e tão sómente aquelles direitos de que elle é apto usar para o bem commum, segundo os seus conhecimentos e merito. Assim constituida em classes especificadas pela differença das funcções, a communidade inteira tomaria parte no governo publico, mas cada um não tomaria outra parte superior áquella que comporta a natureza do seu cargo social e a sua posição na gerarchia da sociedade. Ora, se admittirmos que a herança póde ser um elemento de classificação, não como conferindo um direito, absoluto e indiscutivel, mas como indice de capacidade, podemos egualmente conceber uma organisação na qual a cada classe social seria reservada uma funcção politica determinada: as classes mais illustradas occupariam os cargos que exigem maior cultura moral, intellectual e tradiccional; sendo o poder supremo reservado para aquella classe cujos membros fossem superiormente preparados pela sua educação, tradições e disposições naturaes, afim de exercer as funcções supremas.

Ora nada impede que esta ultima classe seja constituida por uma só familia emquanto ella souber manter-se no cimo da gerarchia social.

Parece-nos, portanto, que o ideial democratico, emquanto significa o governo do povo pelo povo organisado, não é exclusivo nem da ideia de herança, nem da ideia de aristocracia, nem da ideia de monarchia. Póde ser, talvez, realisado por outros meios; mas, certamente, não é o apanagio d'uma só fórma de governo.

(Continúa).

Ao Seraphim de Assiz

Como louvarei eu, Serafim Santo,
Tanta humildade, tanta penitencia,
Castidade e pobreza e paciencia,
Com este meu inculto e rude canto.

Argumento que ás musas põe espanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem que a divina Providencia
De si viva em vós faz para bem tanto!

Fostes de sanctos uma rara mina;
Almas de mil a mil ao céo mandastes
Do mundo, que perdido reformastes.

E não roubaveis só com a doutrina
As vontades mortaes, mas a divina;
Pois os seus Rubis cinco lhe roubastes!

CAMÕES, son. CCXLVI.

CHRONICA UNIVERSAL

ROMA

Mons. Lorenselli, nuncio em Hollanda, foi nomeado nuncio da Baviera. Sua nomeação posto não seja ainda official, foi acceite pelo governo.

Mons. Macario.— Ha muito que em Roma se aguardavam noticias da missão enviada pelo Santo Padre ao negus Menelik e não chegavam; corriam por isso muitas versões pouco favoraveis ao

bom exito da mesma missão. Igualmente se chegou a propalar que os prisioneiros italianos haviam sido divididos como escravos e dispersos. Estas noticias tão pessimistas e aterradoras, careciam de fundamento como se deprehende da carta enviada por Mons. Macario de Adis-Ababa ao Santo Padre.— Diz elle, que Menelik o recebeu com todas as honras devidas á dignidade d'enviado da Santa Sé, mandando ao seu encontro uma escolta de seus 150 soldados e encarregado de o receber e de lhe dar as boas vindas o engenheiro suisso, Ilg. Foi-lhe dada audiencia solemne na qual apresentou as letras pontificias e expoz o fim de sua embaixada.

Pedia-lhe a graça da libertação dos prisioneiros, accrescentando que as nações christãs esperavam esta graça d'aquelle que espontaneamente deu provas de cortezia ao soberano Pontifice quando foi assumpto ao solio pontificio.

Menelik respondeu ao enviado de Leão XIII nos seguintes termos:

«O *Papa é pae de todos nós;* tem o direito de nos escrever para nos exprimir os seus desejos; ver-nos-hemos outra vez e conversaremos em particular a este respeito.

Todos os prisioneiros, accrescenta Mons. Macario, que temos visto estão bons e fallam com reconhecimento da bondade com que são tratados pelo Negus.

A carta de Mons. Macario, produziu grande sensação em toda a Italia enchendo a todos das mais lisongeiras esperanças.

Nomeações. — Foi eleito para o cargo de grande penitenciario o cardeal Verga em substituição do fallecido cardeal Monaco; para prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, o cardeal Serafino Vannutelli; para prefeito da Congregação do Index o cardeal Steinhuber e para prefeito da Congregação das Indulgencias o cardeal Gotti.

Audiencia. — Os religiosos capuchinhos directores do Congresso franciscano em Reims, foram recebidos pelo S. Padre em audiencia particular. O soberano Pontifice recebeu com verdadeiro carinho faternal, animando-os muito em seus trabalhos.

Encyclica. — Como nos annos precedentes o S. Padre publicou n'este uma encyclica sobre o Rosario. Lembra elle as suas instrucções dadas e louva o povo christão por se mostrar fiel a esta devoção. Recommenda de novo o rosario, e repete que sua recitação nem exige muito tempo, nem muita sciencia e que tem muitas indulgencias. Sejamos pois nós tambem fieis a voz do nosso venerando Pastor Universal

PORTUGAL

Novo seminario. — O illustre prelado da Egreja lusitana, o snr. Cardeal Patriarcha, transferiu para Lisboa o pequeno seminario de Farrobo, onde se preparavam os seminaristas que ao depois deviam seguir a carreira ecclesiastica no grande seminario de Santarem. Este pequeno seminario é dirigido por sacerdotes destinados á edução do clero.

São n'elle admittidos gratis os filhos de familias pobres, que tenham vocação para a vida ecclesiastica; aquelles porém que tiverem alguns haveres e que possam ajudar as muitas despezas, pagam uma pequena pensão. Esperamos que d'alli hão de sair zelosos ministros do senhor de que tanto carece o Patriarchado onde ha tantas almas e tão poucos pastores.

India. — As noticias d'esta nossa colonia, não são muito lisongeiras. Ha muito tempo que se anda a apregoar a sua pacificação e todavia consta que seu estado não é tranquillo; falla-se em assaltos roubos e novas sublevações. As noticias porém são muitas vezes contradictorias e torna-se difficil apurar a verdade.

Braga. — O dia 16 foi de grande gala para a cidade primacial, pelo glorioso septuagesimo sexto anniversario do seu Venerando Prelado o snr. D. Antonio José de Freitas Honorato. A bondade do novo ex.mo Arcebispo é tanta que todos nos julgamos obrigados de o ir felicital-o n'este dia, como filhos a um pae a quem muito queremos. Queira Deus que o dia 16 volte venturoso por largos annos.

FRANÇA

O governo, ainda que muito embaraçado com os festejos do Czar não afrouxa em seu odio contra a religião, e a campanha anti-religiosa continua, forjando de continuo grilhões para os pulsos dos catholicos. As escolas catholicas dirigidas por congregações religiosas são entregues a apaniguados do governo que tambem o são da maçonaria. As ceremonias e canticos religiosos são prohibidos nas ruas e por esta rasão foram já encarcerados dois illustres jornalistas catholicos, o visconde de Loriol e Roudet, havendo se antes negado a pagar a injusta multa que pesa sobre os catholicos que nas ruas entoem os ditos canticos. Mas estas duas prisões foram para os catholicos francezes excellente occasião de manifestarem altamente seu espirito religioso. E os dois prisioneiros ao sahirem da prisão tiveram ovações ruidosas. *Viva a liberdade! Viva Christo! Abaixo os mações!* gritava a multidão enthusiasmada. E ao passarem por diante da prefeitura os mesmos gritos se repetiram. Os animos assim retemperados pela perseguição preparam-se melhor para a lucta ingente travada entre o espirito do mal e o do bem.

Madagascar. — Continua pouco lisongeira para a França a situação d'esta grande ilha. A insurreição lavra por toda a parte. As caravanas dos mercadores teem sido assaltadas pelos indigenas; muitas aldeias foram incendiadas; a falta de segurança é grande. O governador geral Laroche, foi chamado ao continente. Um outro missionario já foi tambem assassinado.

O Czar em França. — As festas em França aos soberanos da Prussia foram um verdadeiro delirio. Não ha memoria de ovação semelhante a nenhum soberano que haja visitada a França. O aspecto de Paris era magestoso. O movimento nas *gares* foi tão extraordinario que se tornou necessario augmentar seu pessoal já bastante numeroso. O numero de extrangeiros que affluiu a Paris para assistir aos grandes festejos foi numerosissimo. Entre elles esteve o rei da Grecia. Os hoteis regorgitavam de gente. A população em Paris duplicou n'estes dias.

O Czar entrou em França por Cherbourg, porto de mar, onde passou revista á esquadra que já o esperava. Depois da revista seguiu-se o jantar no arsenal. O presidente da republica brindou em nome do povo francez ao imperador que correspondeu agradecendo o acolhimento cordeal e sympathico da França. D'aqui partiram para Paris. Ao chegarem a Paris, a recepção foi d'um enthusiasmo louco. De todos os lados se gritava n'uma confusão indiscriptivel: Viva a Russia! Viva o Czar! Viva a Czarina! Viva a França! Viva a Republica! Ao apearem-se os soberanos, a guarda republicana entoou o hymno russo que foi seguido do hymno da republica. Em seguida Felix Faure apresentou ao imperador e á imperatriz o ministerio e logo o Cardeal Arcebispo de Paris que o Czar recebeu affectuosamenre dirigindo-lhe algumas palavras muito amaveis e convidando-o a voltar depois á embaixada russa onde os soberanos se hospedaram. Depois de almoçarem os augustos hospedes foram á igreja russa assistir ao *Te-Deum*. Que grande lição aos governantes francezes que não cessam de perseguir os bispos e o clero e que temem entrar n'uma igreja ainda que seja a assistir a alguma imponente manifestação do culto? Que severa reprehensão ao presidente da republica que em Reims não quiz nem visitar a cathedral, nem assistir ao solemne *Te-Deum* celebrado em acção de graças por lhe haver sido salva a vida; e que depois de eleito presidente, só uma vez (por occasião das exequias de Pasteur) entrou n'uma igreja catholica?

Depois de sairem da igreja foram ao Elyseu em meio sempre de ruidosas acclamações. Entre as visitas feitas pelos soberanos russos na cidade de Paris é digna de especial memoria a de N. Senhora de Paris. Os soberanos foram recebidos á entrada do templo pelo Cardeal Richard, rodeado de seus vigarios geraes, capitulo e *ministro* do culto; o presidente Faure tambem os acompanhou e foi a vez segunda que poz pé na igreja depois de presidenie.

Aos augustos visitantes foram mostradas as venerandas reliquias que se conservam no templo, e as sotainas dos arcebispos de Paris, victimas dos revolucionarios; a Czarina sentiu-se commovida á vista dos religiosos objectos. Quando passaram por deante de N. Senhora saudaram-na respeitosamente. Durante a visita o imperador conversava affavel e lhanamente com o cardeal.

Tem sido muito commentado o modo respeitoso com que o Czar tratou o cardeal de Paris; porque foi o cardeal um dos primeiros personagens a quem desejou conhecer e que mandou lhe fosse apresentado, mau grado dos ministros francezes; foi o cardeal tambem quem recebeu officialmente Nicolau II em *Notre-Dame*, quem occupou um dos pouco numerosos lugares de honra á meza presidencial no banquete do Elyseu, e que foi mandado convidar pelo

proprio Czar para assistir á inauguração da monumental ponte Alexandre III.

Quando o imperador sahiu da cathedral saudou o cardeal antes de subir para o coche. Seguiram depois visitando outros monumentos.

O Czar foi tambem convidado pelo governo francez, para lançar a primeira pedra da grande ponte Alexandre III. O abbade Lemire, deputado, leu em alta voz todas as orações da benção liturgica d'uma ponte, com grave escandalo dos ministros mações.

Durante as noites que os soberanos russos passaram em Paris a illuminação publica foi deslumbrante, o fogo de artificio excedeu tudo quanto dizer se possa.

Foi tambem muito imponente a revista militar em Chalons. O numero official das tropas era de 3:090 officiaes, 66:856 soldados, 18:579 cavallos e 1:060 canhões O desfilar das tropas correu admiravelmente.

De Chalons se partiram os soberanos para Darmstadt e os ruidosos festejos que fizeram lembrar o dos imperadores romanos, terminaram.

A imprensa da Europa tem-se occupado muito d'esta significativa viagem. Os jornaes russos e francezes celebraram-na como um grande acontecimento e como a confirmação da alliança franco-russa de grande vantagem para os dois paizes. Os jornaes allemães olharam-na com despeito e de má vontade porque vêem n'ella os odios da França que deseja vingar-se da Allemanha; os italianos tomaram occasião para invectivar a *triplice* que os desvia da Russia e que lhe é mais prejudicial que vantajosa.

Em Reims. — O cardeal Langenieux convidou todos os bispos da França e do estrangeiro para uma solemnissima novena em S. Remigio. Grande numero de arcebispos, bispos e 4 cardeaes estiveram em Reims durante a grande novena. Foram mais de 40 os prelados que lá foram.

As festas correram animadissimas. Durante a novena prégaram varios bispos e o celebre orador P. Monsabré. O povo que correu a Reims de todos os pontos da França foi numerosissimo; os hoteis estiveram apinhados.

O governo, diz-se, tentou impedir estas festas religiosas e que n'este sentido escreveu ao cardeal Langenieux. — Não nos espanta que assim o fizesse, conhecidos como são os seus sentimentos antireligiosos.

HESPANHA

O cardeal arcebispo de Valladolid publicou uma bella pastoral em que affirma que a lucta que sustenta a Hespanha nas colonias é obra da maçonaria que intenta tambem atacar o catholicismo. E em seu ardente patriotismo diz que todos devem dar tudo e a si mesmos para a salvação da patria.

As colonias. — E' gravissimo o estado em que se encontram as Philippinas. Os revoltosos são muito numerosos e o governo não cessa de enviar tropa para debellar a rebellião que vai ganhando terreno. Os philippinos que eram contidos em respeito mais pelo prestigio dos missionarios que pelas armas hespanholas vão-lhes perdendo o respeito, devido á constante propaganda revolucionaria dirigida pelos mações.

Alguns jornaes dizem que os frades mortos são cerca de 100.

Cada vez se evidenceia mais que toda a rebellião é dirigida e fomentada pela maçonaria que mesmo do coração da Hespanha se corresponde com os revoltosos.

Tem-se feito importantes prisões e tomado documentos valiosos pelos quaes se collige a trama dos dirigentes revolucionarios.

Era seu fim n'um dia aprazado tomarem de sobresalto as guarnições hespanholas e trucidal-as e fazer correr depois que os japonezes haviam entrado em Manila e que permittiam o saque e incendio se fossem exterminados os hespanhoes, para assim sublevarem os naturaes contra os mesmos. Os conspiradores haviam jurado o mais rigoroso silencio e cega obediencia aos chefes sellando o pacto de sangue com incisões no braço. Estas incisões viram-se nos braços de muitos presos e na maioria dos rebeldes mortos.

Entre os varios presos compromettidos na revolta estão o relator do supremo tribunal de Madrid e Eduardo Caballero Puga: aquelle dirigia o *Oriente Nacional das Philippinas*, o outro era secretario do mesmo. Foram-lhes encontrados importantes papeis.

Tem havido renhidos combates entre a tropa fiel e os revolucionarios.

— Em Cuba as tropas hespanholas tem alcançado importantes victorias sobre os rebeldes; a guerra porém continua, havendo sempre algumas escaramuças, mas nada decisivo. — Esta guerra segundo calculos feitos, custa á Hespanha por mez 9 milhões de duros, ou seja em moeda portugueza 9.000:000$000 reis.

AUSTRIA

Congresso anti-maçonico. — Foi imponente e magestoso. Catholicos de todo o mundo se aggruparam em Trento para concertarem nos meios efficazes a oppôr á onda avassaladora da maçonaria que tudo invade. Os congressistas eram muito numerosos. Assistiram um Patriarcha, 15 bispos e grande numero de abbades mitrados e de conegos. O clero era muito representado, basta dizer que só n'um dia na Cathedral celebraram missa 120 sacerdotes extrangeiros e na igreja de S. Maria Maior 70; e tudo isto sem contar as que se disseram na outra igreja parochial de S. Pedro e S. Paulo e oratorios particulares que abundam na cidade.

O presidente effectivo do congresso foi o principe de Loewenstein, deputado do Centro allemão e enthusiasta organisador dos congressos catholicos de sua patria aos quaes quasi sempre preside.

O principe bispo de Trento foi o presidente honorario que abriu e fechou as sessões com dois bellos discursos.

O congresso celebrou suas sessões na grandiosa igreja do Seminario.

Foi inaugurado com uma missa celebrada na cathedral pelo principe bispo de Trento, d'onde se dirigiram depois os congressistas para a igreja do Seminario, transformada em sala das sessões e onde houve alguns discursos em seguida.

Foram enviadas mensagens a Leão XIII e ao imperador da Austria.

As adhesões ao congresso foram numerosissimas, figurando entre ellas as de altas personagens do mundo religioso e politico.

— Entre os diversos congressistas estava o ex-maçon Leo Taxil que tão interessantes revelações tem feito ácerca da maçonaria.— Foi tambem apresentado no congresso um crucifixo que servia aos mações de bainha a um agudo punhal.

Todos os congressistas combateram ardentemente a franc-maçonaria e foram concertados meios opportunos e efficazes para impedir a possivel acção dissolvente das sociedades secretas.

A imprensa sectaria tem barafustado indignada contra o congresso e sobre elle tem dito mentiras sobre mentiras a fim de lhe apoucar sua grande importancia. E' este um dos mais valiosos signaes de que a maçonaria se teme dos resultados do congresso.

ITALIA

Tem havido assaltos de bandidos mesmo junto das portas de Roma. Em menos de um mez houve 3 aggressões nos arrabaldes de Frascati, na Rocca di Papa, onde já fôra assaltado o duque de Saxe Meiningen.

O director geral do ministerio de instrucção publica acompanhado de um seu amigo foi accommettido n'um logar muito frequentado e policiado pela gendarmeria. Foram maltratados e roubados do dinheiro e joias por dois bandidos. Estes factos que antigamente, quando uma ou outra vez se davam ao largo de Roma, serviam á imprensa sectaria para amaldiçoar o governo pontificio, hoje são apenas apresentados sem a acrimonia que suscitaram os passados factos.

A capital de Italia. — Os proprios jornaes italianos começam já a perceber que foi um grande erro politico apoderarem-se de Roma para capital da Italia. Quer se considere a Roma antiga como um *monumento*, quer se olhe a Roma dos Papas como um *sanctuario*, ella não póde ser o centro da vida de uma nação moderna. Os italianos em Roma estão albergados e não domiciliados. O proprio rei habita o antigo palacio dos Papas e o Parlamento reune-se em seus tribunaes. A verdadeira população de Roma considera os homens governamentaes e parlamentares como extrangeiros e no dia em que abandonassem a cidade, ouvir se-hia um grande suspiro de alegria.

Se o rei de Italia largasse a Roma dos Papas a seus legitimos senhores que são os romanos Pontifices, evitaria dissabores e mui-

tos desaires a que de coutinuo está exposto por parte das outras potencias que muito respeitam o Papa.

TURQUIA

Foi horrivel a mortandade que se praticou em Constantinopla e arredores pelos fins d'agosto. Diversas correspondencias tem referido esses horrores que nem ainda se concebem entre gente selvagem. Já no anno passado milhares de victimas haviam succumbido ao ferro mahometano e as potencias deixaram impunes esses crimes tão vergonhosos e de lesa-humanidade. As consequencias d'essa cumplicidade foram mais horrores e morticinios. O numero das victimas do furor turco contra os armenios, chegou em Constantinopla segundo alguns a 6:000, outros dizem a 8:000, ha quem affirme que passou de 10:000 e ainda um jornal publicou que attingiu 17:000 armenios. E estes horrores foram commettidos á vista das authoridades e sob a vigilancia da policia.

O sangue correu pelas ruas. Muitos infelizes eram lançados dos telhados e das janellas abaixo.

Onde apparecia um armenio era logo morto. A multidão ebria de furor gritava: *não fique nem um.*

O roubo era auctorisado. Os cadaveres das pobres victimas depois de terem sido despojados dos vestidos, do dinheiro e de outros objectos de valor que traziam, eram atirados para dentro de immundos carros para serem levados ao cemiterio ou ao mar. Chegaram a contar-se 400 d'estes carros atacados de corpos trucidados e nus. Que vergonha para a Europa que permitte semelhantes selvagerias!

Isto passou-se em Constantinopla; mas nem só esta cidade tem sido theatro das horriveis mortandades. Pelas outras cidades e povoações do imperio iguaes excessos se tem commettido e são muitos os milhares de armenios mortos. Por toda a parte reina o susto e o sobresalto. A cada momento se temem novas carnificinas e novos excessos. Todos os dias a imprensa dá noticia de armenios assassinados pelos turcos. Em algumas partes os mussulmanos teem circumcidado os christãos á viva força.

Estes horrores e muitos mais obrigaram já o embaixador da França a ameaçar o sultão com a intervenção da Europa. As potencias porém não teem chegado a commum accordo e a situação dos pobres armenios continúa intoleravel. Todos os dias se realisam prisões e parece que os presos são lançados depois ao fundo do mar com uma pedra ao pescoço, porque foram já encontrados, por uns mergulhadores, muitos cadaveres, cujas pernas se agitavam no fundo do mar em meio da agua.

As grandes potencias vão sempre reforçando as esquadras que teem nas aguas turcas; são mais de 120 os vasos de guerra que lá estacionam. A Inglaterra apresenta 60; Italia 7; Austria-Hungria 16; Allemanha 5; Estados-Unidos 4; Russia 25; França 11.

INGLATERRA

O ministro da instrucção publica enviou para a camara dos communs um projecto de lei escolar que diz: Ha escolas livres; e por conseguinte intendendo os catholicos como um dever de consciencia educar seus filhos em suas ideas, é impossivel obrigal-os a frequentar as escolas officiaes sem nos tornarmos culpados d'um acto de intolerancia, em que o povo inglez não quererá jamais consentir...

O governo inglez propõe que seja concedido um subsidio de 1$000 reis por alumno a todas as escolas livres necessitadas. A intolerancia religiosa vai pois acabando na protestante Inglaterra.

Em Africa. — A guerra dos matabelles parece quasi terminada; foi tomado o kraal do regulo Liens que era um dos ultimos focos da revolução; as povoações parecem dispostas a pedir paz.

— A expedição do Egypto depois de muito dezimada pela colera chegou a Dougola que tomou aos derwiches.

CONGO

E' verdadeiramente requintada a crueldade practicada com os pobres negrinhos d'alguns districtos do Estado Independente do Congo.

Noticias dadas por pessoas de toda a consideração affirmam que os agentes do proprio Estado fazem cortar as mãos a muitas creanças e mulheres. Em uma villa porque os indigenas não pagaram o tributo de borracha foram castigados sendo-lhes cortadas as mãos direitas a muitos. A cada passo se encontram creanças mutiladas ás quaes falta a mão direita. Os missionarios tem visto cestos cheios de mãos cortadas de homens, de creanças e de mulheres. A crueldade chega a tal ponto que havendo um agente do Estado começado a cortar a mão esquerda de uma creança, notando o erro cortou-lhe a direita. Estes horrores tem impressionado vivamente a Europa que tem protestado vivamente pela imprensa. O governo belga já tomou providencias para remediar tantos escandalos e para reprimir tantas violencias.

ILLUSTRAÇÕES DO PRESENTE NUMERO DA «VOZ»

S. Francisco prégando ás avesinhas.

Exterior da capella dos templarios. (Thomar convento de Christo).

Thomar está formosamente situada, perto das ruinas da antiga Nabancia, nas margens do rio Nabão, em fertil e deliciosa planicie, 15 kilometros ao N. do Tejo. E' uma das mais lindas e historicas cidades de Portugal; mas tambem uma das mais pequenas.

Tem alguns edificios de nobre architectura, sendo os mais notaveis, a Igreja de S. João Baptista, e o magestoso mosteiro de freiras de Christo, fundado sobre uma eminencia, ao O. N. da cidade. A sua fundação data de 17 de fevereiro de 1160, em que D. Gualdim Paes e os seus freires, abandonaram o seu antigo castello de *Céra,* para se virem aqui estabelecer.

D. Gualdim Paes construiu a capella-mór, (vulgarmente denominada a *charola*) ao mesmo tempo que edificou o castello. O rei D. Manoel sendo mestre da Ordem lhe mandou fazer o corpo da Igreja e o côro em 1506. O *claustro novo,* e mais officinas foram mandadas fazer por D. João III principiando as obras em 1560, e continuando nos reinados de D. Sebastião, do Cardeal-rei, e dos Philippes I e II. O edificio é vasto, contendo oito bons claustros e mais dependencias, e uma optima cerca.

A Igreja, (dedicada a Nosso Senhor Jesus Christo), dormitorios, claustos e mais officinas são de estupenda grandeza; mas em razão das differentes épocas em que esta agglomerada de edificios foi construido, mostra diversos typos de architectura.

Publicaremos tres illustrações, referentes a este antigo monumento patrio: *Exterior da capella dos templarios. Fachada da Igreja. Janella da casa do Capitulo.* A capella-mór da egreja é a

parte mais antiga e tambem a mais rica. Exteriormente, é de fórma octogna, acastellada e coroada de ameias [1]: interiormente, tem em volta do altar-mór uma *charola*, com capellinhas, no gosto oriental; é obra de um grande primor artistico, ornado de excellentes esculpturas, em relevo, pinturas e dourados. Diz-se que esta capella-mór, é ainda a mesma construida por D. Gualdim Paes [2]. Quizeramos aqui prestar homenagem aos Antigos Templarios e seus successores da Ordem de Christo, porém remettemos para o *Portugal Antigo e Moderno* onde o leitor curioso e que se deseja bem orientar sobre os serviços prestados por elles á cidade de Thomar, encontrará paginas eloquentes.

Varia

BIBLIOGRAPHIA

Historia de N. S. de Lurdes, por João Raphael d'Azevedo, bacharel formado em direito. Precioso volume de 500 paginas, onde seu auctor descreveu com simgeleza propria de quem narra factos historicos, as 18 milagrosas apparições, que tornaram celebre, Bernardette, o rio Gave e Lurdes.

Uma grande multidão de milagres, que o seu auctor narra, dão ao livro um valor comprovativo do *sobrenatural* que pairou sobre as santificadas rochas de Manabielle; e com elles confundiu a Augusta rainha dos Anjos todos os embaraços e machinações urdidas pelos inimigos de Deus e da verdade, até ao triumpho final do espirito christão, contra a materia, e sensualismo maçonico.

Enche a alma de alegria vêr n'este livro a narração simples das misericordias de N. S. de Lurdes, para com os homens.

Quem quizer conhecer Lurdes, e amor a Santissima Virgem, compre: *A Historia de Nossa Senhora de Lurdes*; typographia da Real officina de S. José. Rua de Alexandre Herculano, Porto.

A Arte de Utilisar as Faltas, segundo S. Francisco de Sales, pelo rev. padre José Tissot. Mais um bello livro do ex^mo^ editor catholico Antonio Dourado. Era isto boa razão para o aconselharmos a todos os catholicos, se não tivesse outras. *A Arte de Utilisar as Faltas* é fructo do grande mestre espiritual S. Francisco de Salles, amoldado ao gosto do tempo pelo zeloso missionario salesiano *José Tissot*.

Approvado pelo cardeal Vigario de Sua Santidade, oito prelados francezes, e ultimamente por sus Em.^a^ o Snr. Cardeal Bispo do Porto, em cuja diocese se publicou.

O seu valor intrinseco está em que segundo a Escriptura em muitas faltas cahimos nós todos, muitas vezes, e o que nos seria deitado á parte de estreita conta, vem este livrinho ensinar nos a converter em objecto de merecimento diante de Deus, que na sua misericordia permitte, as nossas quedas para d'ahi nos levantar depois com mercimento. Concluindo a sua approvação dizia o Ex.^mo^ Cardeal Vigario de Sua Santidade: «Faço votos pela propagação d'este opusculo e peço ao Senhor que abençoe a sua leitura, para que ella produza bons fructos no maior numero d'almas possivel.

Este livro encontra-se á venda: na Livraria Catholica de Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 165—Porto.

Relatorio da Piedosa obra o Pão dos Pobres, ou o Pão dos Pobres da Cathedral, pelo Rev. Conego José Marcellino de Souza Bettencourt—Porto Alegre (Brazil). Fallamos d'elle na chronica da Pia União.

O Anjo das donzellas, offerecido ás filhas de Maria, por João Joaquim Almeida Braga. Pequeno livrinho de 64 paginas, em que o illustre e piedoso escriptor Almeida Braga retratou a bondade de seu coração, para com a infancia a quem estremecia. E' um livrinho pratico porque não se limita a dar conselhos, appresenta a virtude caracteristica d'uma donzella christã, praticada pela innocente pastora da planicie e das collinas da modesta aldeia de Pibrac, Santa Germana.

Leiam-n'o principalmente as donzellas a quem elle é dedicado, por esse Anjo Almeida Braga, e ao concluirem a leitura d'este pequeno livrinho, animadas pelo exemplo das virtudes de Santa Germana, sentir-se-hão com novas forças para resistir ás seducções do mundo.

Vende-se na Livraria Catholica Portuense de Aloysio Gomes da Silva—53, Largo dos Loyos, 54—Porto.

Vinde todos a mim, por Mgr. Segur, e traduzido pelo Vigario da Vara Padre Constantino Alvarez. E' um appelo do fervoroso terceiro Mgr. Segur, ás almas christãs, censurando lhe a ingratidão, de estarem desertos os tabernaculos de Jesus Sacramentado, convidando-os a vir aos templos alcançar as muitas graças que Jesus Eucharistico concede ás almas suas amantes, e ensinando-lhe a maneira pratica de fazer estas visitas. Muito a proposito vem estas preciosas 38 paginas sobre o SS. Sacramento, que o zeloso parocho de Peniche, Rev. Padre Constantino, acaba de publicar. Cresça o amor a Jesus e diminuirão os nossos males em toda a linha.

Foi impresso na Typographia de Mattos Moreira & Pinheiro—39, Rua do Jardim do Regedor, 41—Lisboa.

Revista Catholica. Recebemos e muito agradecemos os 6 primeiros fasciculos do novo defensor do catholicismo na grande republica brazileira. E' uma primorosa revista quinzenal, de 48 paginas, optimo papel e nitida impressão. Tem por divisa: *credere et agere*. A sua fé é a de Christo, e da Igreja; e por isso combate, arregimentado, nas fileiras catholicas do Santo Padre o Papa, e Episcopado catholico, cuja norma será a sua constante norma de proceder, e ao mesmo tempo honra e gloria. Trabalha pelo alevantamento dos principios christãos, e pela honra de sua patria, com aquella liberdade e firmeza propria de quem defende a verdade perseguida. Bravo pois, caro collega! Avante pro *Deo, pro Ecclesia, pro Patria cara!...*

Summario do primeiro numero:

I—Projecto de lei sobre o divorcio; II—La Somni de San Joan; III—O conselheiro Nabuco e as Ordens Religiosas; IV—Maçonismo e Satanismo; V—Tranquillidade da alma; VI—Brazil Catholico; VII—Erros fundamentaes dos protestantes; VIII—Discurso do Conde de Mun; IX—Chronica Universal; X—Miscellanea.

Redacção: Rio de Janeiro—278, Rua da Alfandega, 278.

Casos de Consciencia.—A Empreza da *Revista Catholica* acaba de publicar as 6.^a^, 7.^a^ e 8.^a^ cadernetas, cada uma de 80 paginas, d'esta importantissima obra, que tractam dos casos «sobre o possuidor de cousa alheia, sobre o injusto damnificador, sob a cooperação no damno proximo, sobre as circumstancias da restituição, sobre a restituição em especial, sobre os contractos *in genere*, sobre a promessa e doação, sobre os testamentos e legados, sobre em-

[1] Vide a illustração do presente numero, a pag. 459.

[2] *Portugal Antigo e Moderno.*

prestimo, deposito, mandato etc. e casos sobre a venda e suas especies.»

E' um grandissimo serviço que presta ao rev.mo clero, que n'esta obra encontra, com a maxima facilidade, a s lução d'um sem-numero de casos intrincados.

Esta empreza continua a ter á venda a magnifica obra de Theologia Moral Gury-Ballerini que, para mais facilidade na acquisição, vende por 10$000 reis encadernada, sendo 5$000 reis no acto da acquisição e os outros 5$000 reis em prestações de 4 em 4 mezes.

Para fins d'este mez estará concluido o 1.º volume dos *Casos de Consciencia*, custando, brochado, 1$200 reis; encadernado, 1$600; e franco de porte 1$700 reis.

Homenagem da Juventude Legitimista a sua alteza real o Principe D. Miguel de Braganca. Supplemento artistico e litterario do valente jornal catholico a *Nação*.

Contém 8 paginas d'uma collaboração cheia de fé, e homenagem aos principios politicos representados por uma bellissima illustração, que mede $0,^{m}47 \times 0,32$ tendo no centro a esbelta figura d'um anjo de braços abertos, e segurando nas mãos a cruz e espada, e um distico que lhe fica em semi-circulo sobre a cabeça, e n'elle escripto as tradicionaes: Deus, Patria, Rei; sob as azas do anjo, está nitidamente impresso o hymno do snr. D. Miguel.

Os soberanos russos. — Hoje que em todo o mundo se falla no czar e na czarina e por toda a parte por onde passam são festejos e mais festejos, não será fóra de razão lembrar certos costumes louvaveis e religiosos por elles escrupulosamente observados.

E' o imperador chefe e pae de seus vassalos, considera-se por isso obrigado a dar-lhes bom exemplo. Os jornaes annunciam sempre os dois retiros annuaes do czar e da czarina. Aos domingos a familia imperial assiste sempre officialmente á missa. O czar em pé durante as longas ceremonias slavas, faz as numerosas saudações e geneflexões d'este rito. Nunca se senta. Nas grandes festividades o imperador com toda a côrte e funccionarios assiste ás ceremonias e acompanha a procissão. A guarda imperial apresenta armas á cruz, ás bandeiras e imagens santas. Esta ceremonia é de uma grandeza imponente e magestosa. Quem a ella assiste, sai convencido de que um povo assim unido a seu Deus e a seu czar é invencivel.

Se o czar se encontra com um bispo ou mesmo com um simples padre, pede-lhe a benção e beija lhe a mão, e este corresponde com o mesmo signal de respeito.

Em Moscow, quando chega o imperador vai logo saudar a imagem de N. Senhora de Iberia. Visita tambem frequentes vezes em peregrinação a S. Sergio de Radonege, fundador do mosteiro de Troitsa, celebre nos annaes militares da Russia.

Quando o imperador passa a revista ás tropas, a oração do capellão precede sempre a revista propriamente dita, a qual se chama por isso *revista ecclesiastica* e não *militar*.

Pela Paschoa se observa tambem uma tocante practica. O imperador n'este dia abraça por tres vezes os representantes de todas as classes sociaes. A imperatriz dá a mão a beijar a cada um dos mesmos delegados e sauda-os com estas palavras: *resuscitou Jesus*, abraça-os na fronte e da-lhes em lembrança um ovo de Paschoa.

O imperador em viagem permitte a todos os seus subditos que lhe apresentem uma supplica, despachada o mais breve possivel; mostra este uso que na Russia todos os vassalos são iguaes. Acima dos tribunaes e dos ministerios ha sempre a imparcial justica do soberano, pessoa sagrada, o ungido do Senhor.

O comboio em que viaja o czar tem n'uma sala a imagem de S. Nicolau, protector do imperio, diante da qual muitas vezes resa. Ha tambem na sala de jantar uma pintura representando a Santa Face do Senhor. Que contraste entre o espirito religioso do soberano do immenso imperio russo e o espirito anti-religioso do governo francez que mandou pintar no wagon presidencial construido para as grandes festas do czar, um quadro em que figura a *desnudez pagã?!...*

Morte de um blasphemo. — N'um domingo, dia de grande festa em uma freguezia de França, trabalhava um mau homem, sem nenhuma consideração com o escandalo que dava, carregando de feno um carro de bois.

Estava elle a pouca distancia da igreja, onde se preparava uma brilhante procissão, sendo por isso mais escandalosa sua acção. Emquanto, subido em seu carro, ageitava a carrada ao passo que lhe iam passando os molhos de feno, não se esquecia de ir badalando contra seus devotos visinhos que festejavam o dia do Senhor. «Escutai esses madraços de B. que fazem a procissão; fáriam muito melhor se trabalhassem como nós! Ouvi como elles...» Acabava apenas de proferir estas palavras quando os bois puxando pelo carro sem se esperar, e sem que ninguem os impedisse, davam com elle em terra e tão infelizmente, que cahiu morto instantaneamente.

Quando algumas horas depois seu corpo era levado á aldeia, ainda se fazia uma procissão; mas já não cantavam; choravam sim a morte do desgraçado. A população ficou profundamente impressionada com tão severa lição

Amisade de S. Domingos e de S. Francisco perpetuada em seus filhos. — A festa do glorioso Patriarcha S. Francisco faz despertar no espirito reminiscencias de tradições antigas, que tão grata memoria deixaram n'aquelles que houveram a consolação de viver em tempos saudosos que já lá vão: refiro-me ao tempo em que entre nós se observavam os usos santos que algumas Ordens religiosas praticavam no dia da festa dos seus Santos Fundadores. Entre esses costumes frisava-se um, que inda hoje é comprido lá fóra, onde as familias franciscana e dominicana vivem a vida desassombrada que a liberdade do nosso paiz lhes tolheu. Deve elle sua origem ao amor, em que se estreitaram os dois grandes Patriarchas das duas familias que sempre no correr dos seculos se tem amado com aquelle amor que tão estreitamente uniu seus santos Fundadores, quando apoz uma celebre visão, S. Domingos teve a consolação de apertar carinhosamente entre seus braços o desconhecido que contemplara na noite precedente aplacando a divina justiça irritada contra os peccadores e que era S. Francisco d'Assis.

Este uso, que é religiosamente observado em toda a parte onde um convento de S. Domingos é visinho d'um de S. Francisco, pratica-se mais vistosamente em Roma, onde residem os Geraes das duas Ordens.

Quando chega o dia 4 de outubro, festa de S. Francisco, diversos coches partem do collegio de S. Antonio onde reside o Geral dos Franciscanos em direitura do Convento de S. Maria de Minerva, a buscar o Geral dos Dominicanos e grande numero de seus religiosos, que n'elle assistem, para irem fazer a festa do Patriarcha dos Menores, á igreja dos ultimos que é no collegio acima indicado. Chegados que são, formados todos em duas alas se dirigem ao altar mór, onde os religiosos de S. Domingos permanecem para celebrar a missa de S. Francisco, emquanto os franciscanos se vão ao côro a cantal-a.

Terminada a cerimonia religiosa, descem todos ao refeitorio, sentam-se á mesma mesa e partem o pão que a divina Providencia lhes dispensa ha sete seculos. Por fim dois cantores um dominicano e outro franciscano em meio do refeitorio cantam juntos esta bella antiphona: «*O seraphico Francisco e o apostolico Domingos nos ensinaram vossa lei, ó Senhor!*»

No dia de S. Domingos se repete igual practica e as mesmas ceremonias no convento de Santa Maria de Minerva; e todos os annos sem interrupção o amor das duas familias se arreiga mais profundamente nos corações de seus filhos que se amam como irmãos.

A'manhã. — E' magica a palavra. — E' ella motivo justo para se levantar tarde. Um pretexto para não desconsolar aos pretendentes. Uma palavra para tranquillisar a consciencia. Um sophisma irresistivel para nada fazer.

A'manhã é o afan de todos, uma chimera como a felicidade do homem; um sonho como a liberdade do cidadão; uma illusão como a gloria do nome.

A'manhã não existe. Esta noticia encherá de espanto a todos que n'elle confiam, isto é, a todo o genero humano.

A'manhã, é uma especie de perspectiva que só existe a certa distancia. E' uma illusão cuja realidade é *hoje*.

A'manhã é um desejo, um temor ou uma esperança. *A'manhã* não existe porque sempre estamos n'*hoje*.

Castigo de Deus. — No primeiro domingo de setembro, um individuo que primava pelas suas ideias irreligiosas, andava á caça nas margens do Garonne, rio de França, quando tentou vadeal-o para a margem opposto. O infeliz porém foi arrastado pela corrente e seu corpo não mais foi achado.

Este desgraçado, bem conhecido de todos os seus patricios pelo implacavel odio com que perseguia a religião e pelo ardente zelo com que promovia os enterros civis, havia-se sempre opposto ao baptismo de seus filhos; e quando soube que o mais velho fôra baptisado, sem seu conhecimento, tomado de furor, foi com elle a ter com o parocho exigindo-lhe que desbaptisasse seu filho e que riscasse seu nome dos registos da Igreja.

O povo quando soube das circumstancias de sua morte commentava com as seguintes e semelhantes reflexões: Já que elle não quiz baptisar seus filhos, apanhou um mergulho como elle nunca esperava; e em vez d'um grupo de empavesados mações que seguissem seu cadaver á sepultura teve o silencioso e igualmente civil cortejo dos peixes do Garonne.

E' assim que a divina justiça pune muitas vezes aos que d'ella riem e motejam.

Caso singular. — Em Jerez de la Frontera deu-se um facto prodigioso. Havia a collegiada d'esta cidade em conformidade com as authoridades, determinado que a procissão de Nossa Senhora das Mercês passasse por uma estreita rua aonde chegavam os braços de uma frondosa arvore que sombreava o palacio d'um rico senhor. Alguns de seus ramos estorvavam na passagem o andor da Senhora e por isso rogaram cortezmente a seu illustre dono que permittisse cortarem-lhe alguns ramos para abrir caminho ao andor da Virgem. Foram baldados todos os rogos e instancias; e elle obstinado recusou-se pertinazmente a acceder a tão justo, como piedoso pedido e a procissão teve de tomar outro rumo.

No dia seguinte, porém, logo de manhã a arvore que na vespera fôra escandalo para a cidade, cahiu em terra, sem nenhum motivo precedente que justificasse sua queda.

A noticia do succedido correu veloz toda a cidade e duas pessoas competentes, uma catholica e outra protestante, depois de haverem observado e examinado as raizes e o tronco da arvore que estavam sem nenhuma lesão, confessaram que o facto não se podia explicar scientificamente.

Conversão. — «Muitas vezes, diz a *Palavra*, Nosso Senhor se serve de pequenas cousas para operar uma conversão.

Nos Pyrineus falleceu ha pouco um homem que contou que a sua conversão foi devida a uma simples devoção que não deixou de observar muitos annos, e que lhe ensinou uma pobre velhinha. São suas estas palavras: «quando eu era menino, e ia á escola, uma velhinha que vivia perto de minha casa e que me queria muito, disse-me que sempre que passasse por deante de uma cruz a saudasse, dizendo: Salve! O' cruz bemdita, em que morreu o Rei dos Reis! Salve! O' Arvore que haveis dado fructo de vida. Assim o fiz sempre, apesar de ser protestante, e a isso devo sem duvida a dita de ter abraçado a fé catholica, eu que morro tranquillo e satisfeito, dando graças a Deus e a sua bemdita Mãe por tão assignalado favor.»

Editor responsavel: Dr. Antonio Brandão Pereira — Braga